

MISTÉRIOS DA EDUCAÇÃO

Um livro concebido pelo **Movimento Entusiasmo**
{*André Gravatá, Antonio Sagrado Lovato, Daniel Ianae*}

Escrito por

André Gravatá e Daniel Ianae

Revisão

Elidia Novaes

Ilustrações e diagramação

Anna Maeda

Para falar com a gente:

movimentoentusiasmo@gmail.com

Anna Maeda: *maedahipolito@gmail.com*

Elidia Novaes: *elidianovaes@gmail.com*

{ www.movimentoentusiasmo.me }



Você tem a liberdade de:

Compartilhar - Copiar, distribuir e transmitir a obra.

Remixar - Criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

Atribuição - Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

Uso não comercial - Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

Compartilhamento pela mesma licença - Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Renúncia - Qualquer das condições acima pode ser renunciada se você obter permissão do titular dos direitos autorais.

Algumas palavras

A poesia revela este mundo; cria outro.

Será uma quimera pensar numa sociedade

que reconcilie o poema e o ato,

que seja palavra viva e palavra vivida,

criação de comunidade

e comunidade criadora?

Octavio Paz

Nosso modo de participar dos gemidos da criação

consiste em uma escuta ativa e uma ação inovadora.

Paul Ricoeur

Desde o primeiro encontro, reconheci nos *Movimentos* muitos sinais de celebração poética da vida e das palavras, como uma resposta viva às indagações de Octavio Paz e aos desígnios de Paul Ricoeur.

Experiências de educação e poesia: de ensinar e aprender, poeticamente. Por um lado, a resistência contra os cercos das misérias, contra uma sociedade de homens partidos e natureza devastada. Por outro lado, atividades de reencantamento do mundo, com iluminações poéticas, com práticas de alegria, de liberdade, de criação.



Experiências pontuais, no cotidiano mais próximo, mas que se multiplicam em muitos cantos da Terra. Movimentos que precisam se reconhecer, precisam entretecer suas tessituras.

Este livro-manifesto, escrito mais por imagens, por narrativas e aforismos, do que por conceitos e raciocínio lógico-discursivo, lança novas linhas no poema coletivo que é o Movimento Entusiasmo, desses amigos de juventude, educação e poesia.

Que essa obra tenha reverberações e ressonâncias, e que possa encontrar vozes irmãs, e que chame seus leitores a sentir, a pensar, a viver e a criar – este é o nosso ensejo, como companheiro de viagem e de esperança.

Severino Antônio, autor dos livros *Constelações - uma escuta poética da infância*; *Uma pedagogia poética para as crianças (com Katia Tavares)*; *entre outras obras*

O presente é tão grande,
não nos afastemos

O universo é o espelho em que podemos contemplar
só o que tivermos aprendido a conhecer em nós.

Ítalo Calvino, no livro *Palomar*

Este livro é uma tentativa de buscar uma conversa sincera sobre assuntos sensíveis e essenciais relacionados intimamente com um tema que provoca em nós uma urgência do presente: educação.

Os textos são inspirados, principalmente, em nossas vivências na realidade das escolas e outros espaços no entorno da Praça Roosevelt, em São Paulo, onde o Movimento Entusiasmo atua. Desde o início do ano de 2014, vimos realizando ações em escolas públicas da região, mais exatamente na Escola Municipal de Ensino Infantil Gabriel Prestes, Escola Estadual Caetano de Campos e Escola Estadual Professora Marina Cintra. Junto com educadores e alunos, inventamos um projeto – hoje anual – chamado Virada Educação, que culmina em um evento congregando dezenas de atividades dentro e fora das escolas.

Conectando inspirações diversas, inventamos no território outras práticas como trilhas com educadores pelo entorno da escola e cortejos poéticos, em que dezenas de crianças e jovens caminharam pela cidade e pela escola no ritmo de maracatu e poesia.

Todas essas ações nasceram com um objetivo claro: transformar a região das escolas num território educador, num espaço onde outros lugares sejam percebidos como espaços de aprender, em que a educação se torne um processo colaborativo, com impacto social e, conseqüentemente, mais interessante e encantador.

Nossas palavras chegam até você em formato de mistérios para que tenhamos uma chance de vasculhar juntos caminhos não demarcados. Exploraremos aqui seis diferentes mistérios da educação. Seis diferentes assuntos abertos, em movimento. Seis pontos delicados, que exigem atenção e proximidade para ser observados.

Para explorar esses mistérios, partilhamos poesias, contos, propostas de atividades e cenas vividas que até hoje reverberam em nós. Este livro é escrito no plural, nasce dos olhos dos membros do Movimento Entusiasmo. Ao compartilharmos nossas histórias, revelamos algo íntimo e abrimos uma fresta pela qual podemos nos encontrar.

Estamos na Praça Roosevelt, em São Paulo. Um garoto de 12 anos diz: “Larguei as drogas”. Um garoto de 12 anos que já foi viciado, já largou as drogas e já está em outra vida. 12 anos. Ele vê a escola como o habitat do marasmo. Ama a igreja e o funk ostentação. O pai é traficante, mora longe. Sua irmã? Uma garota “do mundo”. Um morador de rua se aproxima: “Minha vida é frenética. Não adianta eu sair da rua, porque a rua não vai sair de mim”.

Ali adiante, uma manifestação, onde um policial militar confessa, pesaroso: “Todo mundo pensa que sou um bicho, estou cansado de pensarem que sou um bicho”. Andamos mais um pouco e deixamos perto da gente um cartaz: “faço seu retrato em forma de poesia”. Aproxima-se uma prostituta da Praça da Luz, perto da Estação da Luz, mais de 60 anos de idade, um sorriso amarrotado no rosto. Perguntamos: “Podemos escrever um poema para a senhora?”. Ela ri alto, aceita, comentando que do que mais gosta é viajar e aprender. “Vou colocar esse presente em uma moldura”, afirma. Quanto ela cobra por programa? 30 reais.

Andando mais um pouco, depois de uma passagem pelo metrô, chegamos numa rua próxima da avenida Paulista, um cortiço que vai ser derrubado para dar lugar a uma padaria, que vai servir às mais de quinhentas famílias que estão chegando à região e vão morar nos prédios que estão sendo erguidos. Erguidos num espaço que antes era ocupado por outros cortiços. Cortiços apinhados de pessoas que ganham pouco e que trabalham muito, construindo prédios onde nunca poderão morar. O vendedor de apartamentos de um dos prédios nos conta que mora em São Miguel Paulista, na periferia de São Paulo. Diz também que apartamentos de 19m² vendem como água. Diz também que já existem apartamentos de 6m² na China ou Japão, não se lembra bem.

Adiante, nessa mesma rua, um arrepio nos invade. À nossa frente, um prédio enorme com aparência precária, gigante de imenso, com tantas janelas – e lixo sendo jogado por algumas delas. Outro dia conhecemos uma senhora que mora neste prédio. Catava latinhas na rua Augusta. Perguntada se fazia isso há muito tempo, ela respondeu: “Estou fazendo isso agora, porque meu netinho vem morar comigo”. Ao lado, outro prédio imenso e inacabado, sem reboco, como se a obra tivesse parado de repente e os pedreiros tivessem sido demitidos de surpresa, saído correndo e esquecido metade das ferramentas e andaimes. Uns jovens nos chamam, oferecem drogas. Uma mulher com roupas curtas nos consome, mesmo com as pupilas fatigadas.

Resolvemos ler um poema para uma pessoa na rua. “Moça, podemos ler um poema para você?”. “Não, tô com pressa”. Seguimos ao lado dela, correndo um pouco e lendo um poema do Carlos Drummond de Andrade: “O presente é tão grande, não nos afastemos”. Quando o poema termina, ela olha para trás e dá tchau. Encontramos um morador de rua sentado no chão. Ele mostra algumas folhas: “Não consigo resolver nada da minha vida com esses papéis. Papel é coisa de gente estudada”.

Por perto, na sala de uma ONG, a frase de alguém se esgueira pelos corredores da instituição: “Aquela anta não fez o café?”. Dentro de uma escola nos arredores, a porta da diretora está fechada. Uma mãe grita para a filha de 13 anos: “Não queria que você fosse minha filha, você não devia ter nascido. Nem adianta querer voltar para casa, não volte mais!”. A menina corre pela escola, se esconde. A mãe vai embora sem se preocupar com o paradeiro da garota.

Todas essas situações são reais, foram vivenciadas nos últimos dias. Todas essas situações e muitas outras que nem gostaríamos de compartilhar nos viram pelo avesso.

Estar aberto aos sentimentos do mundo é também perceber o absurdo do mundo. E em nós. Em nossas provocações, convocamos olhares para o lado da abundância, acreditamos na mudança e estamos rodeados por pessoas que têm se esforçado para agir no campo da afirmação de novas possibilidades. Mas também é necessário aprofundar um pouco o lado obscuro que nos assombra, que é a ilusão vista por aí e em nós mesmos, bem compartilhada, de que a mudança superficial das coisas é suficiente. Parece que passamos tempo demais na superfície e nos aproximamos pouco dos limites de nossa ação.

Como fazer para que cada instante em que estamos vivos seja uma manifestação potente do que há de mais genuíno em nós? Entre tantas situações que nos reviram, uma questão se impõe cada vez mais: nossa ação no mundo ainda é covarde demais? Ou corrompida demais? Até que ponto as inovações representam mentirosos sinais de mudança?


No livro “Perto do Coração Selvagem”, Clarice Lispector reflete: “Um dia virá em que todo meu movimento será criação, eu rompere todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer”. Sentimos que esse rompimento com os “nãos” demanda essencialmente uma coisa: presença. Precisamos seguir mais presentes.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

CHAR 15



TEMPO 105



51 PSALIA



ESPAÇO 131



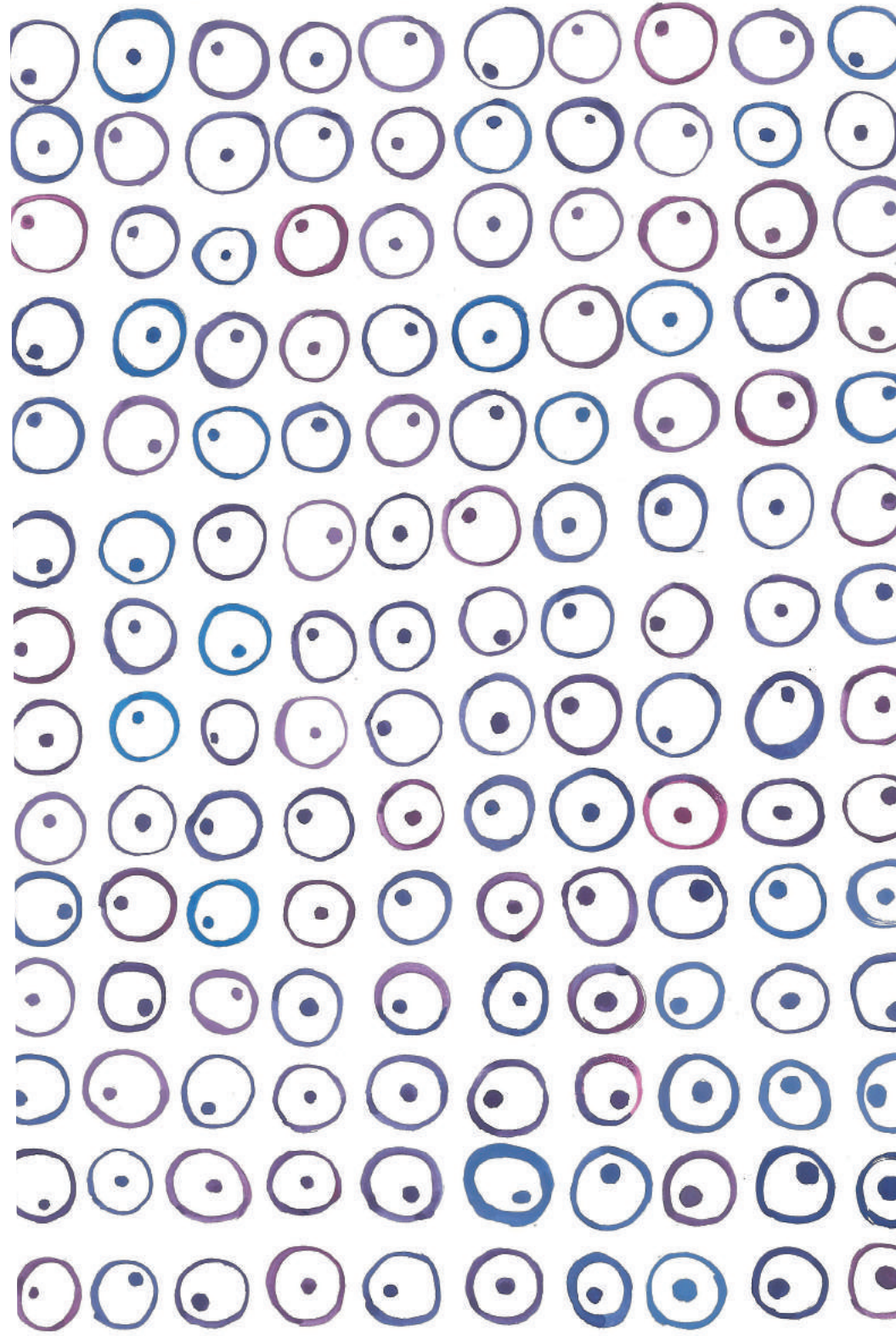
81 SUTA



157 CONSISTÊNCIA



* comece por onde quiser



CAPÍTULO 1

olhar

O MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ADVERTE:

olhe as pessoas
com lupa no teu olhar
a cada miudeza de pessoa
um infinito vai se revelar



“É pegar o que tem dentro, misturar com o que tem lá fora e inventar algo novo”. Essa foi a definição de olhar que um jovem nos ofereceu, durante uma conversa. O que acontece a partir do momento em que se reconhece no olhar a capacidade de inventar?

O convite a uma reflexão sobre o olhar pede que deixemos nossos olhos mais expostos. Pede uma intervenção para colocá-los em contato com outras substâncias: banhe-mos os olhos com as águas dos rios e os coloquemos em suspensão num varal onde o vento possa lembrá-los do ritmo da poesia.

Cultivamos palavras para dar conta de cenas que temos coberto com nosso olhar neste intenso caminho que atravessa escolas, seus habitantes e vizinhos. E sentimos um movimento em expansão. Será possível que o olhar esteja em movimento? Em expansão? Que abertura temos nessa peneira para absorver os sentimentos do mundo?

Esperamos que o outro olhar, o do leitor, possa resgatar nas intimidades da memória o espaço que estas cenas também atravessam. Cruzar os nossos olhares é um atrevimento que requer essa intimidade.

Olho atravessado

Manhã na floresta, primeiros raios de sol. Você é um daqueles arteiros que sobem em árvores com a mesma facilidade com que respiram.

Um som da floresta o incomoda. Algum animal por perto? Você não sabe identificar os passos no chão.

Aparece uma onça. Você corre.

Sem fôlego, chega em casa e encontra seu pai, que diz:

– Viu o que aconteceu? Viu? Não acredito!

– O que, pai?

– Veja você mesmo, no espelho.

Ao se deparar com seu rosto, um susto gordo cai entre os dois como uma pedra. Falta uma parte do seu rosto. Seu olho esquerdo não se encontra mais na sua face.

– Perdi meu olho!

– Vá buscá-lo, menino!

O medo da onça não foi maior do que a vontade de retomar o olhar. Voltou à floresta com o olho que restava, mais aberto do que nunca, quase espremido de tanta abertura, como espinha prestes a romper. Nos primeiros minutos e horas de busca, nada de encontrar o olho perdido. Cada pedaço de chão é investigado com os ouvidos, peles, nariz e boca.



Você mobiliza todos os órgãos para vasculhar o espaço. Numa clareira, depara-se com um galho seco e, pendurado nele, seu olho.

O que você faz quando encontra seu olho novamente? Leva a um oculista para que ele o recoloca com precisão de especialista? Guarda numa caixinha e nunca mais o devolve ao lugar? Deixa o olho lá? Parecia uma bolinha de gude perdida no meio do mato.

Sua primeira reação foi segurar o olho. Limpou-o com a manga da camisa. Como encaixá-lo novamente? Tentou. Tentou.

Tentou.

Não é fácil encaixar um olho no rosto. Tentou.

Num clique, o olho entrou de novo na lacuna que devia ocupar. Logo que encontrou, você fechou com suas pálpebras tanto o olho repostado quanto o olho que permanecia no rosto sem mais aventuras.

De olhos fechados, uma preocupação emergiu em você: será que vou voltar a olhar novamente com os dois olhos? E se o olho não funcionasse mais? Por que diabos você entrou na floresta, logo no instante em que uma onça passava? Seu pai brigaria com você por causa do olho inválido?

Abriu os olhos e viu o mundo de um jeito novo.

Sem querer, havia cometido um equívoco.

Encaixou o olho perdido ao contrário, para dentro. De uma hora para outra, passou a ver o dentro e o fora ao mesmo tempo. Um olho observava suas camadas internas mais remotas. O olho externo via os horizontes com uma nitidez envernizada, como se as superfícies estivessem sem pó, cristalinas.

Você passou a gostar de olhar para dentro e para fora ao mesmo tempo. Decidiu que é muito melhor ter um olho atravessado a ter dois na mesma direção.

[inspirado numa passagem do livro *Alexandre e outros heróis*, de **Graciliano Ramos**]

COMO É UMA
EXPERIÊNCIA
QUE AFETA
O OLHAR?

Troquem todos por girafas

Você trabalha numa escola.

Todo dia você entra às oito horas neste mesmo lugar. Uma pessoa da secretaria te dá bom dia. A mesma pessoa, sempre.

Muitas vezes você entra sem cumprimentar a pessoa na secretaria, mas a pessoa nunca se esquece de dizer bom dia, como se todas as manhãs ela estivesse lá, pregada atrás de uma bancada, com seu bom dia na mão.

- Bom dia.

Um dia a pessoa da secretaria cometeu a descortesia de falecer.

Não estava mais lá na segunda-feira. Nem na terça. Nem na quarta. Não foi você que percebeu que a pessoa da secretaria não mais apareceu. Avisaram. A escola não parou nem um segundo por causa da morte da pessoa. Nem um segundo de silêncio. Em poucos dias já colocaram outra no lugar, que não fala bom dia. A nova pessoa fala “tudo bem?”.

Você tenta recompor na sua mente uma imagem da pessoa falecida. Não consegue se lembrar direito nem da sua fisionomia. Não consegue nem lembrar se a pessoa tinha bigodes? Andava de chapéu? Qual era o tom de voz? Tinha filhos? Gostava do trabalho?

O que há na ausência que não há na presença? O que há na presença que aumenta o vício da cegueira? Se a pessoa continuasse na secretaria pelo resto da vida, vivendo lá, fazendo sua comida em cima da bancada, pendurando sua roupa lavada em um varal entre os muros da escola, você a veria? Talvez nem assim. Você passaria pelo varal com roupas, reclamaria do varal. Continuaría vendo e não vendo a pessoa.

E se trocássemos a pessoa por uma girafa? Você a perceberia?

[inspirado no texto *Vista cansada*, por **Otto Lara Rezende**]

EXIS TEM:

1. momentos em que olhamos e não vemos
2. momentos em que olhamos e vemos mas não nos veem

Maria, seu olhar desgastado me consumiu por dias. No nosso último encontro na escola, não consegui encontrar, por um instante sequer, aquela linha imaginária entre o meu olhar e o teu. E queria falar de coisas tão bonitas, Maria. Procurei você para falar de coisas tão bonitas. Talvez fosse exatamente isso que faltava pra mudar os ânimos deste local. Não acha, Maria? Pena que você não vai lembrar. Difícil saber do que ainda nos lembramos. Algo que se passa aqui, nesta escola, e em tantos outros lugares, carrega o nosso olhar à deriva. Se vai o olhar, vai junto a alma. E justo aqui, onde poderíamos fazer algo tão bonito, ficamos, eu e você, no escuro.



A F A S T E - S E

Conheço uma educadora da periferia de São Paulo, no Grajaú, que aprendeu a ler com os jornais que envolviam a carne que ela comprava no açougue. Dona Vilani voltava para casa correndo, para que o sangue não tomasse as folhas de jornal, tentando preservar a legibilidade das letras. O interesse dessa educadora pela leitura é uma vontade séria.

Entramos numa escola para desenvolver um evento com alunos e educadores. Uma professora me recebeu com a seguinte frase:

- Se você quiser sucesso, afaste-se de mim.
- Por que preciso me afastar de você?
- Trabalho há 14 anos nesta escola. E sou tratada todos os dias como uma estreante. Nunca encontro o material de que preciso. Nunca consigo entrar nas salas que quero, nunca dá certo o que proponho.
- E o que você faz ao encontrar essa situação todo dia?
- Reclamo. E reclamo para todo mundo. Por causa disso as pessoas não gostam de estar perto de mim.

O desinteresse dessa educadora pelo diálogo é uma vontade séria.

a vontade é a cama do olhar

dependendo da cama em que os olhos se deitam
nasce sol
ou nasce azar

entro por essa porta todo dia

sei o caminho de cor

sinto que nem preciso ver

ali é preto e ali é branco

mas foi propondo ficar no escuro

com uma venda nos olhos

que descobri um jeito de reparar

fora do alcance

percebi na intimidade do toque

um outro jeito de sentir

o espaço que me envolve

sinto agora falta de você

daquela conversa atravessada

perto da cantina

perto

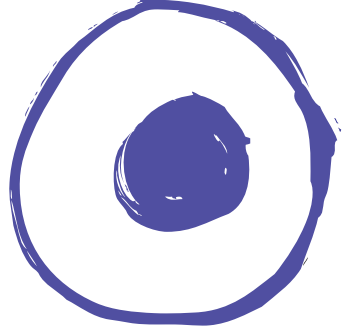
sinto o aperto que só o perto traz

quando você entra numa sala escura
leva um tempo para o olhar se encontrar
leva um tempo para a leveza da luz
deixar-se ser percebida no ar



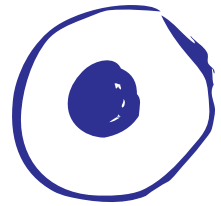

aprendemos todas as matérias
pra alargar um rio
e deixá-lo fora do mar
talvez desaprender do começo
nos faça reverter o olhar

olhar
em vão

É UM TERRITÓRIO LIVRE



Ver a
lágrima
no olho
do peixe



Observe os peixes num lago.
Consegue ver as lágrimas do peixe?
Consegue ver a água da lágrima do peixe
se imiscuindo na água da casa do peixe?
O poeta japonês Bashô escreveu
um haikai que pinça o choro
no meio da correnteza:

*Primavera não nos deixe
Pássaros choram lágrimas
No olho do peixe*

Ver a lágrima do peixe é prestar atenção no outro.

“

Ver, portanto, é antes de tudo criar, na medida em que é reduzir, contornar; ver é inventar. A forma vista é um conceito, a simplificação que implica escolher, ressaltar, cortar, é já uma transposição de uma simplificação anterior.

”

Viviane Mosé, no livro *O homem que sabe*

Para ser um cisco

Ciscos costumam cair no seu olho esquerdo.

Agora mesmo, você está coçando seu olho repetidas vezes por causa de um grãozinho de areia que entrou no olho esquerdo.

Por que ciscos sempre entram no seu olho, especialmente no esquerdo? Sempre que entra um cisco no seu olho, você pergunta para quem está perto:

– Com que frequência entram ciscos no seu olho?

Um dia, pensando nos ciscos, você pensou que sua vida inteira você tem tentado se assemelhar ao jeito de ser do cisco. Seu esforço maior está em incomodar os outros.

Você tenta incomodar os acomodados de maneiras sutis. Sente-se estranho ao perceber que você é como um cisco nos acomodados. Uma amiga sua, a Clarice, um dia visitou o especialista em visão de mundo, um cuidador de olhos, para perguntar sobre um cisco que sempre a incomodava, repetidamente no mesmo olho, assim como você. Ouviu que, por mais que os olhos pareçam iguais, um vê mais do que o outro, um é o que chamam de olho diretor. O olho que vê mais é também o olho mais sensível... Por que o que vê mais é mais suscetível às intempéries? Ver mais é presente ou castigo?

[com inspirações de **Clarice Lispector**]



A FRUTA LÁ EM CIMA

Você é mãe.

Está com seu filho no colo, à noite, num jardim.

Acima de vocês eleva-se a copa de um pessegueiro rei, imponente, expressivo, com um corpo velho e sábio.

“Mãe, quero aquela fruta.”

“A esta hora não dá para pegar fruta lá em cima, meu amor.”

“Por que não dá, mãe?”

Olhavam o céu salpicado por estrelas e pela lua por dentro da copa da árvore, como se tudo estivesse pendurado nos galhos secos e sábios.

“Mãe, quero aquela fruta.”

“Filho, não me diga que você quer o que estou imaginando?”

Você ri. Seu filho quer a lua. Enquanto você estava olhando para os pêssegos, o tempo inteiro ele estava olhando para a lua. O olhar do seu filho pousou longe. O olhar pousa sutilmente, não tem barulho na aterrissagem. Observar as pousagens de outros olhares é empatia. É arte.

A noite está chegando

Você mora numa sociedade em que as estrelas só aparecem uma vez a cada duzentos anos.

As estrelas vão aparecer nesta noite.

Você está comovido. Durante toda a vida, só presenciará este momento uma vez. Desde criança, as pessoas são apresentadas a fotos com o céu estrelado. Na escola, há um período em que se discutem as estrelas e os alunos desacreditam que exista a possibilidade de ver o céu pontilhado de pontinhos brancos brilhosos.

Nas livrarias, abundam livros com títulos como “a noite em que vi as estrelas”, “estrelar: conjugar a noite”, “as marcas que as estrelas deixaram”, “em busca das estrelas perdidas”.

Nas ruas, você encontra rodas de pessoas por todo lado. Há quem diga ter visto as estrelas, mas é sabido que qualquer pessoa viva no dia de hoje não teve a oportunidade de mirá-las – a menos que o sujeito seja um fóssil.

Seus pais têm medo que você saia na noite das estrelas. Acham perigoso. Há várias lendas sobre a noite das estrelas: quem olhar fixamente para os pontos brilhantes no céu fica cego. Quem apontar o dedo para uma estrela perde o dedo. Quem estiver sozinho na noite das estrelas é raptado por elas. Quem comer feijão em noite estrelada cura-se de dor de cabeça. Quem tomar banho em noite estrelada, se abrir a janela do banheiro, tem vinte anos de sorte. Na televisão, programas ao vivo sobre as estrelas. Os sites e jornais divulgaram matérias especiais sobre o aparecimento das estrelas ao longo da história. Um depoimento do século 19, encontrado em papéis avulsos de um escritor cujo nome não é divulgado, diz o seguinte:

Nunca imaginei tamanha beleza no céu. É como se tivessem pregado



vagalumes no tecido da abóbada terrestre. Cena demasiado bela. Não cabe no homem tanta graça.

Você tem medo de olhar as estrelas. Criou tantas expectativas sobre a beleza da cena no céu que já está pensando no fato de que o momento durará pouco. Uma noite apenas. Como apreciar rapidamente tanta lindeza?

Medo do tempo escasso. Por que elas não aparecem mais vezes? Se aparecessem, podíamos celebrar todas as noites e não apenas uma. Há quem dedique a vida inteira apenas esperando o dia em que as estrelas aparecem. Sua avó, por exemplo, desde a primeira vez que você se encontrou com ela, disse que um dia veriam as estrelas juntos, e hoje ela não está mais viva, não verá as estrelas que tanto sonhava olhar. Se as estrelas aparecessem todos os dias, a vida na Terra seria diferente. Se no único dia em que aparecem há tanta comoção, haveria uma comoção diária incontável. Choros, festas, danças e rituais diários. Se hoje existem religiões e mais religiões que consideram as estrelas como deuses, o que aconteceria num mundo em que houvesse estrelas nos céus todos os dias?

Na sua casa, haverá um jantar para a família inteira. Raramente a família se encontra para momentos assim, mas esta noite é diferente. A televisão está ligada na sala e os números que saltam na tela são imensos. “A contagem das estrelas não é fácil. Só é possível contar as estrelas da parte do universo cuja luz chega à Terra. Estimamos que existam cerca de 100 bilhões de galáxias e, em cada galáxia, podem existir tanto milhões quanto bilhões de estrelas. Numa dessas galáxias, a Via Láctea, que é onde estamos, estima-se que há cerca de 17 bilhões de planetas de tamanho parecido com o da Terra”, relata o cientista que está sendo entrevistado. A cada número exorbitante que você ouve, a sensação de estranhamento aumenta.

A noite está chegando.



As estrelas virão de mãos dadas com a noite.

Ninguém vai estourar nenhum fogo de artifício, todos apagam as luzes. Apagam as luzes nas ruas e nas casas, como se houvesse um toque de recolher do bem.

Da sua casa, enquanto familiares se sentam na entrada para apreciar a vista em silêncio, você observa o céu pela janela. Consegue ouvir pessoas cantando em várias partes da cidade, entoam músicas especialmente criadas para o momento da visão de estrelas. Você sente vontade de escrever um texto sobre as estrelas que se destacam como pingos de prata no céu. Sua ideia é escrever um texto fictício sobre um mundo dos sonhos onde as estrelas aparecem todas as noites.

[com inspirações de **Ralph Waldo Emerson**]

{ COISAS MIÚDAS NA ESCOLA (OU FORA DELA) PARA REPARAR }

um verso
de poesia
na carteira

um amigo
que dá
bom dia

onde está
guardada
uma
lembrança

o rio que
passa por
baixo de
onde sento

a quantidade
de chapéus
de caneta
soltos por aí

as pessoas
que cuidam
da sua
comida

uma fruta
na árvore

uma estrela
cadente

o lugar
onde mais
aparece a
letra 'a'

uma
declaração
de amor

uma pessoa
numa troca
de olhares

de onde veio
essa pessoa
que está aqui
ao meu lado



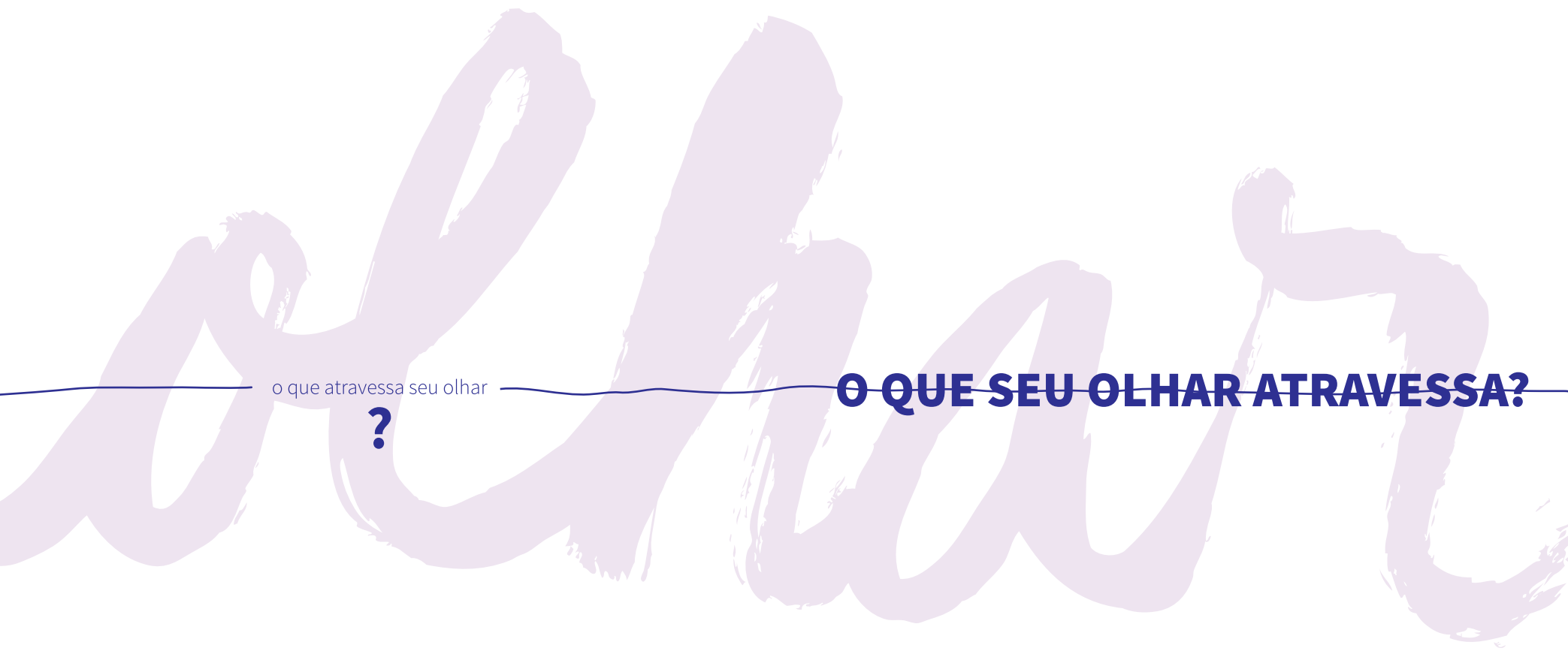
PROPOSTAS DE DEIXAR CRIANÇAS REPARAR COM LUPANAMÃO

Combine uma roda com um grupo de crianças, de 20 a 30 está de bom tamanho. Inicie uma conversa sobre o lugar da escola. Do que elas gostam e do que não gostam na escola? Qual foi o bicho mais engraçado que já viram por lá? Que histórias têm pra contar da escola?

Diga que vocês vão fazer um passeio pela escola para redescobrir coisas novas. Deixe-as à vontade. Deixe que a poesia do caminhar seja desvendada.

Assim que acabarem os caminhos, peça que elas desenhem um pouco do que mais chamou atenção nesta aventura.

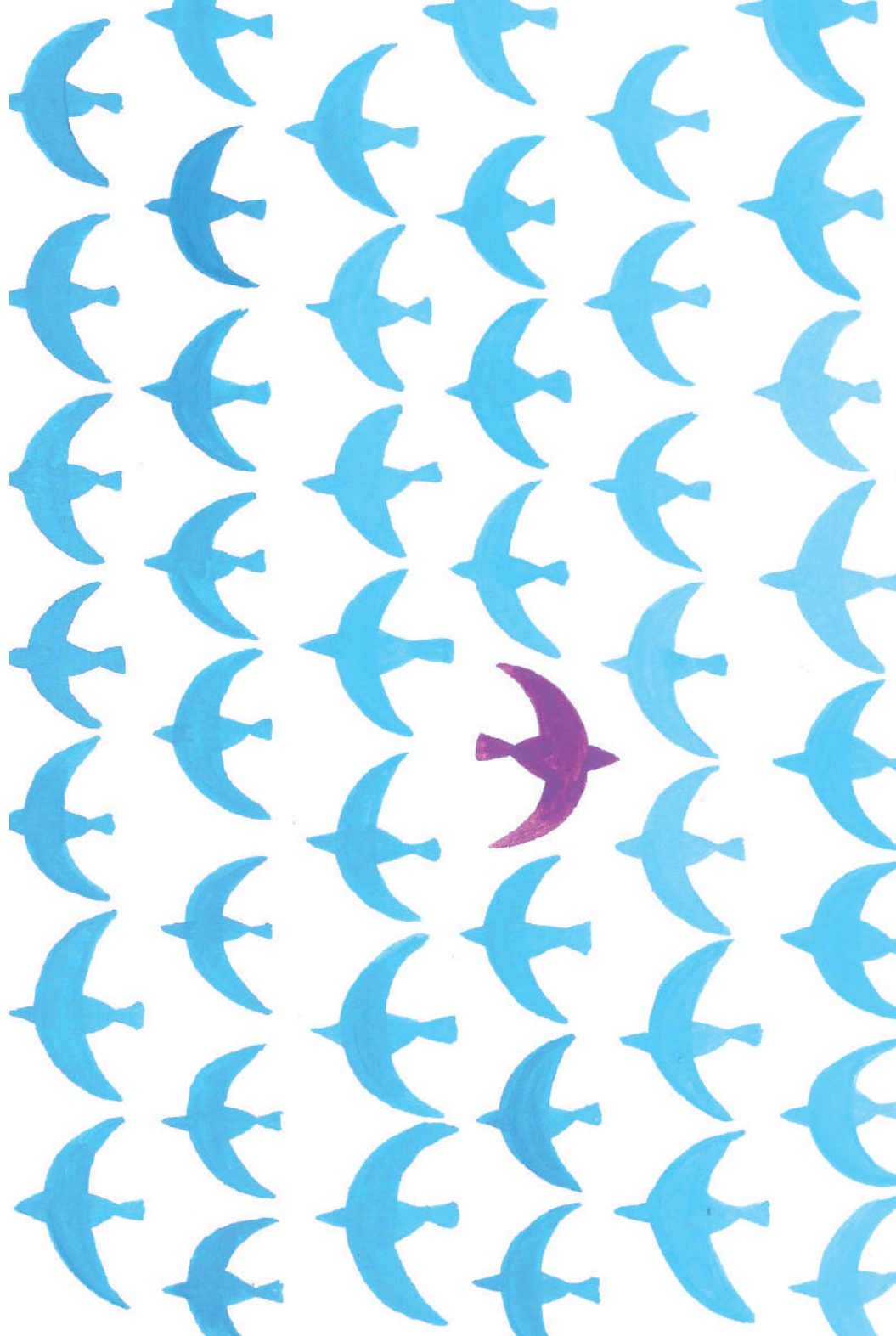




o que atravessa seu olhar

?

O QUE SEU OLHAR ATRAVESSA?



CAPÍTULO 2

OSADIA

O MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO REFLETE:

justificar cada ato
por causa da burocracia
impede o contato
da alma com a ousadia

"FOI UMA
EXPERIÊNCIA
SEM VOLTA."

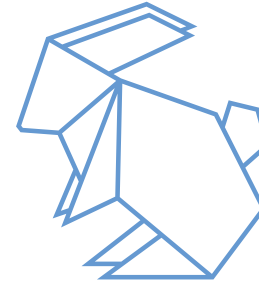
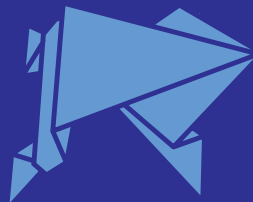
Ouvimos essa frase de uma diretora que tinha acabado de abrir as portas da sua escola infantil para a Virada Educação, projeto que envolveria a comunidade do entorno, com uma série de atividades para crianças e adultos. Não havia distinção entre pais e mães da escola ou curiosos interessados em participar daquele momento. A escola estava aberta para todos. E o que antes era visto com receio se transformou em modelo para a prática da escola. Esta experiência gerou uma memória inesquecível: centenas de pessoas circulando pelo espaço, conhecidos e desconhecidos ocupando salas e pátio com boniteza.

Como redescobrir a ousadia no ato de brincar e compartilhar a cidade com as crianças, jovens e educadores? Como criar outras dinâmicas para vivenciar um aprendizado? Que momentos são esses que nos fazem romper e seguir para uma nova possibilidade? Abrir uma conversa sobre a ousadia é olhar o que estamos dispostos a revirar neste momento e o que permanecerá, mesmo sob camadas de medo e apatia.

Nesta reflexão que propomos, sentimos a dureza da burocracia e colocamos certo tipo de ousadia como afirmação para subverter momentos que empobrecem nossas relações.

Nunca entrei num buraco tão fundo

E o sapo caiu no buraco
Tentou saltar para sair de lá
Mas não conseguia
Parecia impossível
Que buraco fundo
No meio de uma floresta
Horas e horas se passaram e o sapo não saiu do poço em que
entrou
Apareceu uma lebre
Muito atenta
Logo ouviu os gritos do sapo e decidiu ajudá-lo
- Por que você não salta do buraco, sapo?
- Não consigo, não dá.
- Claro que você consegue, deixe de ser fraco. Seja franco, deixe
de ser fraco.
- Não dá, nunca entrei num buraco tão fundo.

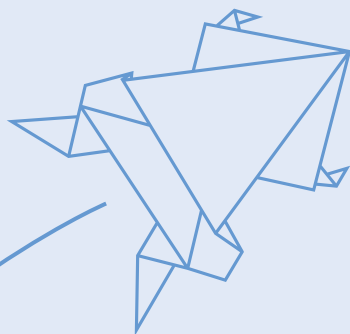


Num ato generoso
A lebre decidiu voltar à sua casa
Pegar uma corda para salvar o sapo
Demorou para voltar
Ao reaparecer, levou um susto
- Onde você está, sapo?
Varrendo o cenário com seus olhos e ouvidos
Ouviu um coaxar distante
Encontrou o sapo
Livre
Como um pássaro
- Você está brincando comigo, sapo? Fui até minha casa
pegar uma corda pra te salvar. Estava me enganando?
- Não! Mal sabe você... Enquanto estava fora, uma cobra
entrou no buraco! Aí tive que fazer algo, juntei todas as
minhas forças e, num salto, saí de lá.

um pulo alto

e agudo

e forte



leva longe o prisioneiro

Não basta saber que a fonte está aqui:
é preciso ainda cavar o poço.
Também não basta saber que a luz não
cessa de brilhar: ainda é preciso abrir as
janelas ou limpar as vidraças para que
todo o quarto fique iluminado.

Jean-Yves Leloup, no livro *Enraizamento e Abertura*

CONTA COMIGO

Que boa notícia!
Que legal saber que vocês vão organizar um sarau na escola.

Vamos sim.
Estou falando com meus amigos do grêmio sobre isso.

E como vai ser o sarau?

Ainda não sei, primeiro precisamos da aprovação da coordenação.

Vocês já marcaram a conversa com eles?

Já tivemos uma conversa, mas eles não aprovaram nosso projeto, pediram para refazermos a proposta e então mostrar novamente.

E depois de falar com eles?

Aí vamos falar com os representantes de classe. Cada sala de aula tem um representante. Vamos marcar uma reunião com todos eles para compartilhar a ideia do projeto e conseguir apoio.

Depois de falar com os coordenadores e falar com os representantes de classe, aí vocês vão falar com quem?

Aí acho que a gente fala com os alunos da escola.

Mas você não comentou nem com seus colegas de sala?

Ainda não, mas eles vão saber em breve. Aliás, nem era para eu te contar sobre o sarau, pois não sei muito, quem sabe direitinho é a presidenta do grêmio. Se ela souber que te contei, ela vai ficar brava comigo.

Vocês já têm uma data pra quando isso vai acontecer?

O quanto antes. Estamos bem empolgados com a ideia.

Parece bem firme, mesmo.
Mas vocês já estão pensando em algumas ideias de temas, ou quem sabe buscando algumas poesias?

Primeiro queremos nos dedicar a essas reuniões, mas se você tiver alguma sugestão assim...

Talvez eu possa te deixar alguns textos do Kafka. Você vai se identificar com os personagens dele, todos caem em armadilhas em que deixam que os outros vejam por eles o que eles mesmos são capazes de ver.

Conta comigo! Assim que a gente passar por essas etapas, eu recomendo lá pro pessoal também.

*Desobedecer um sistema
doente é a minha forma
de estar presente*

[dedicado a Gandhi]

HÁ DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA

As explícitas
rasgam estradas no corpo
estacas na memória
O que fazemos diante de violências?
Desousamos?
O que ensinamos às pessoas
ao nosso redor
quando silenciemos?

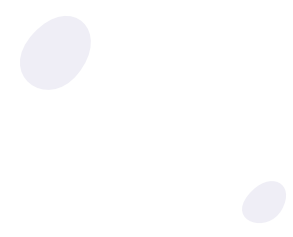
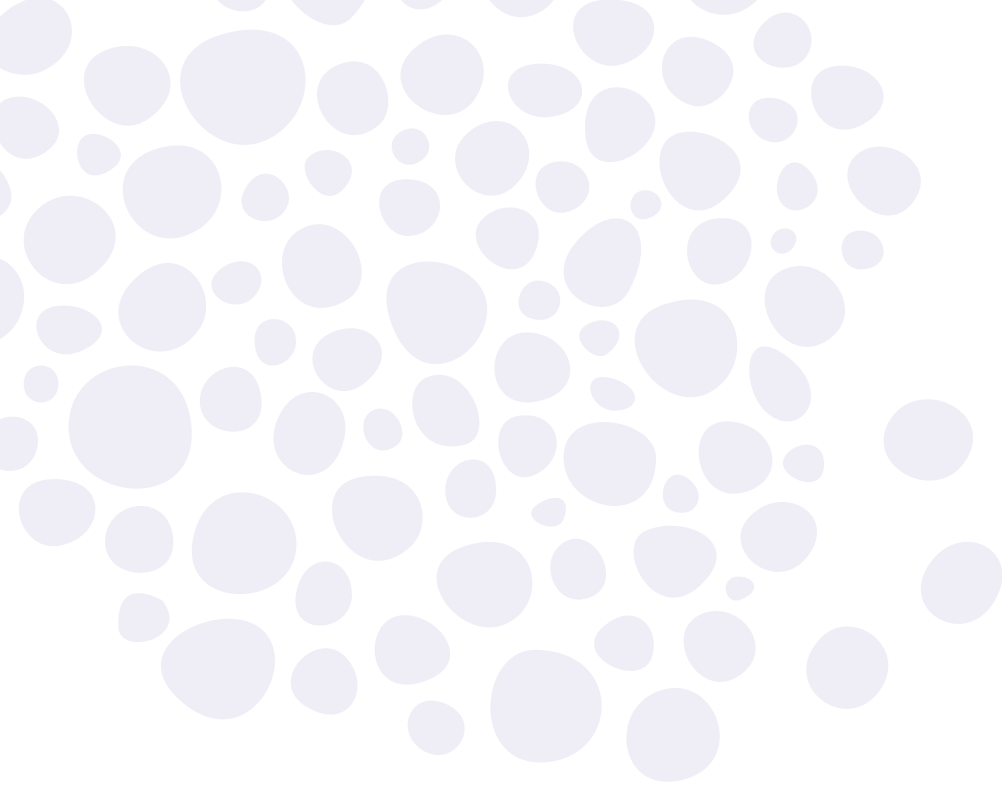
Há o silêncio da calma
e o silêncio da covardia
Qual é o silêncio
da cor
da sabedoria?

HÁ DIFERENTES TIPOS DE OUSADIA

As barulhentas
esculpem estradas nas montanhas
lançam pessoas ao mar
carregam armas

Dessas estou farto
essa coragem que entope a veia do afeto
confere poderes divinos aos homens

Quero dizer mais sobre outras
das crianças e suas invenções
do casal que se ama a sós
da janela que se abriu agora
Aí
Na sua frente



faço a cada dia
um grande ato
tirando uma pedra do sapato

Não aguento ser apenas um sujeito
que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Manoel de Barros,

no poema *Retrato do artista quando coisa*

Caímos de mãos dadas num pensamento
De que, neste espaço
Já faço o maior sacrifício
Com o que tenho, não carrego sonhos
Com o que tenho, cumpro minha obrigação
Bato ponto e ganho o pão

Reconheço meus medos
Fazem parte de mim como a minha pele
Sentam-se à mesa comigo
e se alimentam

Apesar disso, reluto
Reservo a eles a minha menor parte
exclusos - me deixem em paz!
Sou a morada e a hóspede

É uma sala escura, eu sei
Mas consigo sentir.
E isso reverbera o extraordinário
tocar o medo me revela a cor da coragem



[como tocar o medo?]



Te confesso um segredo
Hoje apalpei a cidade sem medo
Ouvi sons sem rancor

Caminhei descontínuo com crianças, jovens e adultos
Deixando marcas nas calçadas - bonitezas - sem insultos
As músicas, o ritmo, o entusiasmo que provoca
Senti na pele o que a pedra sente quando a água a toca

Habitei um espaço onde quero ser amigo
Mesmo ainda sendo um do outro desconhecido
Descobri uma rua mais mole
que permite um abraço e que não te engole

Reconhecer que este caminho é possível
Percorre o imaginário do incrível

Te confesso um segredo
Hoje participei de um cortejo

{ nossas ações em cortejar a cidade foram inspiradas
no projeto **Criança Fala**, realizado na comunidade do Glicério }



DECLAMO POESIA
ATÉ EMBAIXO
DE GUARDA-CHUVA
UNS DIZEM
BRINCADEIRA
DE PERDER
TEMPO

*digo que brincar
e perder tempo
são coisas
a preservar*

{ nossas declamações de poesia debaixo de guarda-chuvas nasceram inspiradas no trabalho do poeta **Giovani Baffô** e do coletivo **Vie Le En Close** }

SOBRE FAZER ALGO QUE EU NUNCA FIZANTES

Passa um dia com uma peteca.

Tente encontrar algumas pessoas para jogar peteca com você. Ao final do dia, dê essa peteca para outra pessoa e conte como foi seu dia. Pergunte se a pessoa toparia seguir com a peteca e com a brincadeira.

Procure uma casa amarela. Observe esta casa amarela por um tempo. Pense em quem mora ali. Escreva uma carta para essa pessoa, contando sobre alguma inquietação (ou segredo) que está com você. Pergunte o que ela sente ao saber disso. Não assinie. Deixe a carta na casa amarela.

ousadia

ou

ou

ou

ou

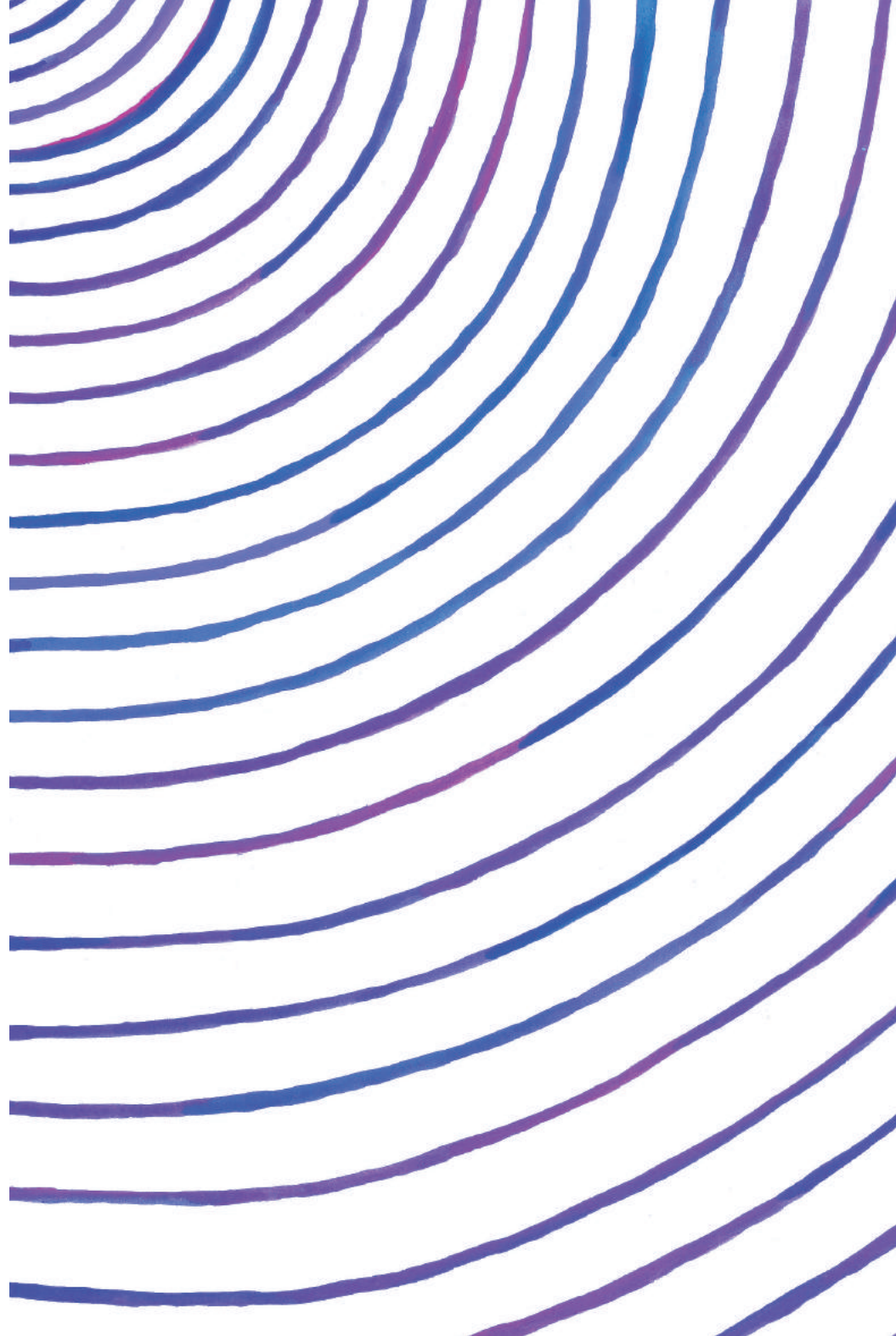
o

quê?

qual foi a última vez que você viveu uma experiência

volto?

sem



CAPÍTULO 3

Escuta

O MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO PERGUNTA:

falta de escuta
aumenta o barulho

ou o barulho
aumenta a falta de escuta?

"Quando nós conversamos
com a ajudante de cozinha
- perdão, eu não lembro o seu nome -,
eu percebi como é bonita
a história de cada um (...)
cruzamos o caminho de tantas
pessoas e nem nos preocupamos
em saber quem são...".

Ouvimos esse depoimento de um jovem do último ano do ensino médio, depois de um encontro entre ele, seus amigos e a merendeira – os jovens estavam de olhos vendados. Muitos deles já estudavam naquela escola há anos e não sabiam o nome da mulher que cozinhava para eles todos os dias. O que acontece que não escutamos nem o nome das pessoas que cuidam de nós?

Escutar é mais do que permanecer com os ouvidos abertos diante de alguém. A escuta verdadeira demanda um interesse presente. Demanda um silêncio interno. Não há diálogo sem escuta. Não há troca sem escuta. Não há encontro genuíno se o que transita entre as pessoas não é escutado.



[inspirado no
livro *O Alvo*,
de **Ilan Brenman**]

Havia um contador de histórias
Que sempre tinha uma história para contar às pessoas na sua vila
Histórias com sentido para quem as escutava
E sempre que lhe perguntavam algo
Respondia com uma história
Um dia o questionaram como ele era capaz de sempre contar histórias
Tão marcantes

Contou um conto
Um arqueiro
Numa competição
Encontrou uma parede imensa
Com milhares de flechas cravadas bem no centro dos alvos
Perguntou-se então quem seria o mestre capaz de tal façanha
Apareceu um garoto
Que revelou o segredo das flechas
Primeiro ele jogava a flecha
Depois pintava o alvo ao redor
Primeiro a flecha
Depois o alvo
Bem assim fazia o senhor contador de histórias
Primeiro escutava as pessoas
Depois pintava outra história ao redor do que as pessoas lhe contavam
Primeiro escutava as pessoas
Depois pintava outra história ao redor do que as pessoas lhe contavam.

{ O que você
tem a dizer
sobre a
“escuta”? }

A gente escuta o que
nos interessa, não é?
Durante as aulas, eu
escutava as conversas
das maritacas lá fora.

Que tal ficarmos
em silêncio por
uma hora e daí
conversamos?

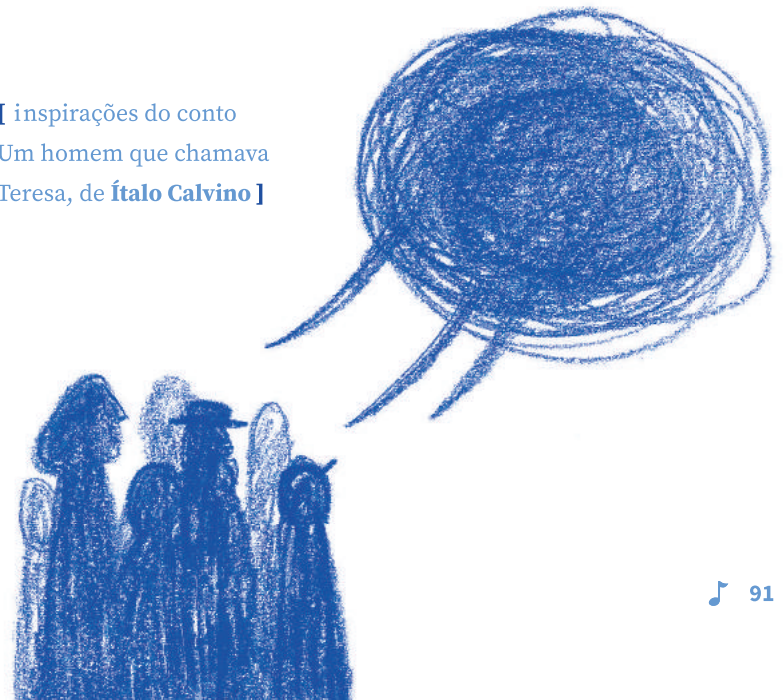
É uma loucura.
Pra conseguir que
me escutem, só
quando a gente grita
mesmo. Quer dizer,
mesmo quando a
gente grita, não quer
dizer que prestem
atenção, mas ficam
quietos. É isso?

Desculpa,
você pode
repetir?

A pessoa 1 para na frente da casa da pessoa 2. E começa a gritar um nome qualquer. E outras pessoas vêm ajudar a pessoa 1 a gritar pelo nome qualquer, pensando que a pessoa 1 está tentando chamar um amigo ou coisa parecida. Muitos gritam o nome qualquer para ajudar a pessoa 1 a chamar a pessoa 2. Perguntam se a pessoa 1 sabe se a pessoa 2 está em casa. A pessoa 1 diz que não sabe de nada, que apenas chegou na frente da casa aleatoriamente e escolheu um nome qualquer para chamar.

A cena se repete: alguém começa a gritar alguma coisa, outros escutam e repetem sem – realmente – entender para que fazem isso.

[inspirações do conto
Um homem que chamava
Teresa, de **Ítalo Calvino**]



já mudei de escola três vezes
dizem que não me adapto ao lugar
os que gostam dos mistérios
falam que é questão de azar

poucos perguntam o porquê
mesmo quando posso falar
quem dera alguém
me - realmente - escutar



a escuta maltratada
resolveu se romper
a quebra foi delicada, não poderia ser diferente
conta-se que ela se deitou em silêncio,
fechou os olhos e adormeceu
uma placa descansa ali:
“não pise na escuta”

pedir aos outros um tempo pra escutarem poesia
é brincadeira de reparação
de concerto na foz da vida



- Olá, professora, deixo uma poesia de presente para você.
- Não gosto tanto de poesia, poesia é para almas elevadas.
- Para almas levadas?

- Olá, professora. Lembra-se de mim?

- Desculpe, pode repetir?

A ligação era inesperada.

- Fui seu aluno dez anos atrás. Encontrei seu telefone com a direção da escola.

- Ligou por algum motivo em especial?

- Venho te agradecer.

- Agradecer pelo quê?

- Pelas suas aulas, que foram tão marcantes...

- Que bonita essa ligação... mas que aulas marcantes?

- Você não se lembra?

- Fale mais. Não me lembro direito.

- Você fazia rodas com os alunos, para conversarmos sobre muitos temas. Na sua aula de português, a gente aprendeu um pouco de cada matéria. Líamos sobre todo tipo de assunto. Sempre te escutei com entusiasmo.

- Achei que ninguém me escutava.

Você sabe que não, mas insiste

Só porque estão em silêncio, quer dizer que vão me escutar?

Você sabe que não, mas insiste.

Só porque tenho algo a falar, quer dizer que vão me escutar?

Você sabe que não, mas insiste.

Só porque já repeti isso mil vezes, quer dizer que vão me escutar?

Você sabe que não, mas insiste.

PROVOCAÇÕES PARA ESPALHAR EM CARTAZES

ENGANAR-SE
PODE LEVAR
A DESASTRES

POR QUE
PEDIMOS SILÊNCIO
GRITANDO?

SILÊNCIO
É CAMA DE
ESCUTA

ESCUTA:
CONFIAR EM
MOVIMENTO

COMO SE
COLHE
ESCUTA?

“

... eu quero, humildemente, te ensinar umas artes que aprendi, colher a miudeza de cada instante, como se colhe o arroz nos campos, cozinhá-la em fogo brando, e, depois, fazer com ela um banquete.

”

João Anzanello Carrascoza, no livro *Diário de um ausente*

{ como escutar em fogo brando? }

PRÁTICA DE UMA ESCUTA ESTICADA

Procure um local com bastante movimento de pessoas e sente-se num banco;

Espere até que uma pessoa sente-se ao seu lado;

Conte a ela que você está lá para ouvir histórias de vida. E peça que esta pessoa conte a você uma história marcante. Em troca, dê a ela outra história.

Procure um local com bastante movimento e espere uma pessoa com fones cruzar o teu caminho. Peça gentilmente para escutar a música que ela vem ouvindo. Pergunte o que essa canção a faz sentir. Repita o processo.

GRITO

ENCERRA

ESCVTA

silêncios

sinceros

sussurram

sabedorias

ssssssss sss



CAPÍTULO 4

TEMPO

O MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO APONTA:

mais importante do que giz e lousa

papel e avaliação

é o tempo

tempo de entrega de si mesmo

no reino da interrogação

Cada um tem seu tempo, já diziam aqueles que cronometravam o tempo de cada um. Tentamos contê-lo com números, marcações, dispositivos, mas nada, nada, nada consegue parar o tempo. O tempo é um rio grosso, desses amazônicos, e depende daqueles infinitos fiapos de água que escorrem virgens pelas matas para que se forme. O tempo continua a escorrer. Mas com que força? Com que vida?

Vivemos um tempo em que os tempos são picotados, apressados, encurtados. Difícil crescerem os jovens rios que deveriam desaguar com força, se estão sendo todos apertados.

Uma das atividades que realizamos com os educadores para ocupar com novas práticas o horário pedagógico semanal chamou-se Caminhada do Tempo, realizada pela amiga e educadora Denise Curi (inspirada numa prática do Schumacher College, uma faculdade inglesa). Durante a caminhada, andávamos 4,5 quilômetros, representando os 4,5 bilhões de anos do planeta Terra. A cada 1 quilômetro, parávamos para conversar sobre assuntos como o surgimento da primeira bactéria ou a invenção da escrita. Nos últimos milímetros da caminhada, percorríamos a distância de nossas próprias vidas e das invenções. Nessa atividade, a pergunta em questão era um chamado ao olho aberto: já que nosso tempo é tão extraordinário, absurdamente recente se percebemos a extensão da vida do nosso planeta, como ocupamos cada mínimo – e raro – segundo?

**antes de entrar no capítulo,
beba um copo de (cal)mar(ia)**



conta-gotas de ouro

Você é amigo de um mágico e ele lhe deu de presente um cachorro dos ovos de ouro.

É impressionante observar o cão, você não se cansa. Quando seu amigo lhe disse que o cão punha ovos, seu impressionamento aumentou ainda mais, até não caber mais em nenhum dos espaços internos que você guarda para o espanto. Você costuma acordar pela manhã logo cedo para observar seu mais recente animal de estimação acordar e trazer ao mundo um ovo de ouro. Há um novo ovo por dia, como um conta-gotas de poder e riqueza.

Ah, como você é ganancioso, você quer mais, você quer que ele ponha três ovos de ouro por dia, mas vem só um. Você observa o ovo e fica estupefato. Como um cão é capaz de tal façanha?

Você não consegue mais esperar. O conta-gotas de ouro é lento. Não é lento, mas é. Você acha isso.

Um dia, você o mata.

Vai procurar nas suas entranhas a nascente do ouro; pensa que vai encontrar dentro dele um riozinho de fortuna. Quando abre a carcaça do cão, só encontra carne. Nada de ouro.

A maturação do ouro demanda paciência.

{ com inspirações de Esopo }

○AMADURECIMENTO DA PESSOA

Aproxime-se de uma pessoa com algumas folhas em branco e um relógio. Peça para a pessoa não se movimentar, manter presença imóvel.

Faça um desenho da pessoa em 10 segundos.

Faça um segundo desenho da pessoa em 30 segundos.

Faça um terceiro desenho da pessoa em 3 minutos.

Faça um quarto desenho da pessoa em 10 minutos.

Faça um quinto desenho da pessoa em 1 dia.

Espere a pessoa envelhecer e faça um novo desenho.

“

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser.

”

Paulo Freire

O que você
tem a dizer
sobre o
“tempo”?

Qual tempo?
O tempo
lá fora ou o
tempo aqui
dentro?

Eu acordo às 5 horas da manhã, deixo meu filho na escola, dou aula aqui de manhã, vou pra outra escola à tarde e chego em casa por volta das 21 horas. É isso que tenho a dizer sobre o tempo.

Minhas aulas duram 52 minutos e 33 segundos. “Por que duram 52 minutos e 33 segundos?”, você talvez queira me perguntar, espantado com minha precisão. Te respondo: pelo mesmo motivo que outras aulas duram 50 minutos.

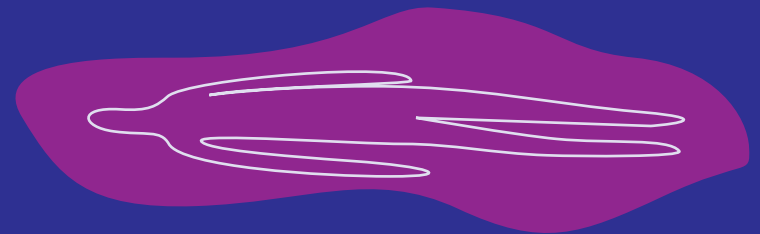
Eu fico contando.

A gente cria tanto o hábito de perder, né? Que um dia nem lembramos mais aquilo que um dia tivemos.



“Uma noite, nas primeiras horas da madrugada, houve um assassinato bem embaixo da minha janela. Fui acordado por uma terrível gritaria e, ao chegar à janela, vi um homem estirado nas pedras da rua. Consegui ver os assassinos – eram três – fugindo no final da rua. Alguns de nós descemos e descobrimos que o homem estava bem morto: sua cabeça fora quebrada com um pedaço de cano de chumbo. Lembro a cor de seu sangue, curiosamente púrpura, como vinho; ainda estava na calçada quando voltei para casa naquela noite (...) o que me impressiona ao recordar isso é que, três minutos depois do crime, eu já estava de volta à cama e dormindo. E o mesmo aconteceu com a maioria das pessoas da rua (...)”

George Orwell, no livro *Na pior em Paris e Londres*



O QUE FAZEMOS TRÊS MINUTOS DEPOIS DO ESPANTO?

PROVOCAÇÃO PARA ESPALHAR NUM CARTAZ

haja poesia
para chegar

ao fim do dia
da aula
da fila
da calma
da infância

(FRASES ENCONTRADAS NUMA RUA)



eu e o tempo
nascemos juntos
mas fomos separados na infância
nos raros encontros que tivemos
houve estranhamento
decidimos por bem nos vermos de longe
o tempo e eu
ficamos na espera da reparação
na lembrança de quando éramos irmãos

Há tempos não me dou bem com o tempo. Começou na época da escola, quando costumava desviar das horas do relógio. Quanto mais eu desviava, mais já teria se passado da aula. Foram muitas aulas assim. Muito assim. Anos depois, lembrando dessas cenas e tantas outras que já passei na vida adulta, tratando o tempo como oponente, me pergunto: até quando?

“

Era o relógio de meu avô, e quando o ganhei de meu pai ele disse (...) Dou-lhe este relógio não para que você se lembre do tempo, mas para que você possa esquecê-lo por um momento de vez em quando e não gaste todo seu fôlego tentando conquistá-lo. Porque jamais se ganha batalha alguma, ele disse. Nenhuma batalha sequer é lutada. O campo revela ao homem apenas sua própria loucura e desespero (...)

”

William Faulkner, no livro *O som e a fúria*

aquel s que perdem o próprio tempo

em qu lquer

lugar

nem se muito procur rem

vão de novo o enc ntrar

E
s
c
o
r
r
e
r
sobre o tempo

É minha **atividade preferida**

Deixo mesmo os **f i o s b e m s o l t o s**

Quando o **vento** bate

Perco

v

á

r

i

o

FRASES **ENCONTRADAS**
EM **MUROS** IMAGINÁRIOS
DA CIDADE

QUEM DEVE
AO BANCO
DE HORAS?

ONDE VOCÊ
MAIS PERDE
O SEU TEMPO?

NÃO TENHO
TEMPO PRA
NADA QUE
NÃO SOU
OBRIGADO
A FAZER

SE TEMPO É
DINHEIRO,
EM BREVE
ESTAREMOS
FALIDOS

PENSE BEM
NO QUE ESTÁ
A PEDIR.
QUER MAIS
TEMPO PARA
FAZER O QUÊ?

PROPOSTAS PARA ALUNOS E PROFESSORES GANHAREM/PERDEREM TEMPO

Pesquise um modelo de origami e crie uma peça a partir deste modelo. Crie outras 15 peças desse mesmo origami. Dê os origamis de presente a alguém na rua.

Durante 30 minutos, procure rachaduras pelas paredes na escola. Depois, com seus amigos, faça um desenho na lousa que represente as rachaduras. Apague a lousa e dê um jeito nas rachaduras.

Leve uma planta pra sala de aula e cuide dela com carinho. Tire fotos dessa planta durante vários dias. Observe como ela cuida do tempo e como isso influencia a vida dela. Passe esta planta para que outra turma possa cuidar dela. Volte de vez em quando para perguntar novidades da planta.

Troque cartas com professores de outras escolas sobre suas práticas e sensações da rotina.

Siga um grupo de formigas por 30 minutos. Observe com atenção o que elas estão fazendo.

Ao final de cada período (uma aula) juntos, tirem uma foto da turma. No final do semestre, faça uma montagem com as fotos, mostre-a aos alunos e proponha uma conversa sobre como a relação se alterou ao longo do tempo.

Encontre tempo para se perguntar:

O tempo gosta de brincar de esconde-esconde?

O que se faz dentro dos minutos de uma escola?

Quanto tempo uma pessoa leva para amadurecer?

A escola precisa de relógio?

O relógio é mal-educado?

Quem é beneficiado numa educação em que se escreve com pressa?

Como ter conversas lentas no corredor da escola?

Quem impõe os tempos pra escola? {Quem está lá dentro ou quem está lá fora?}

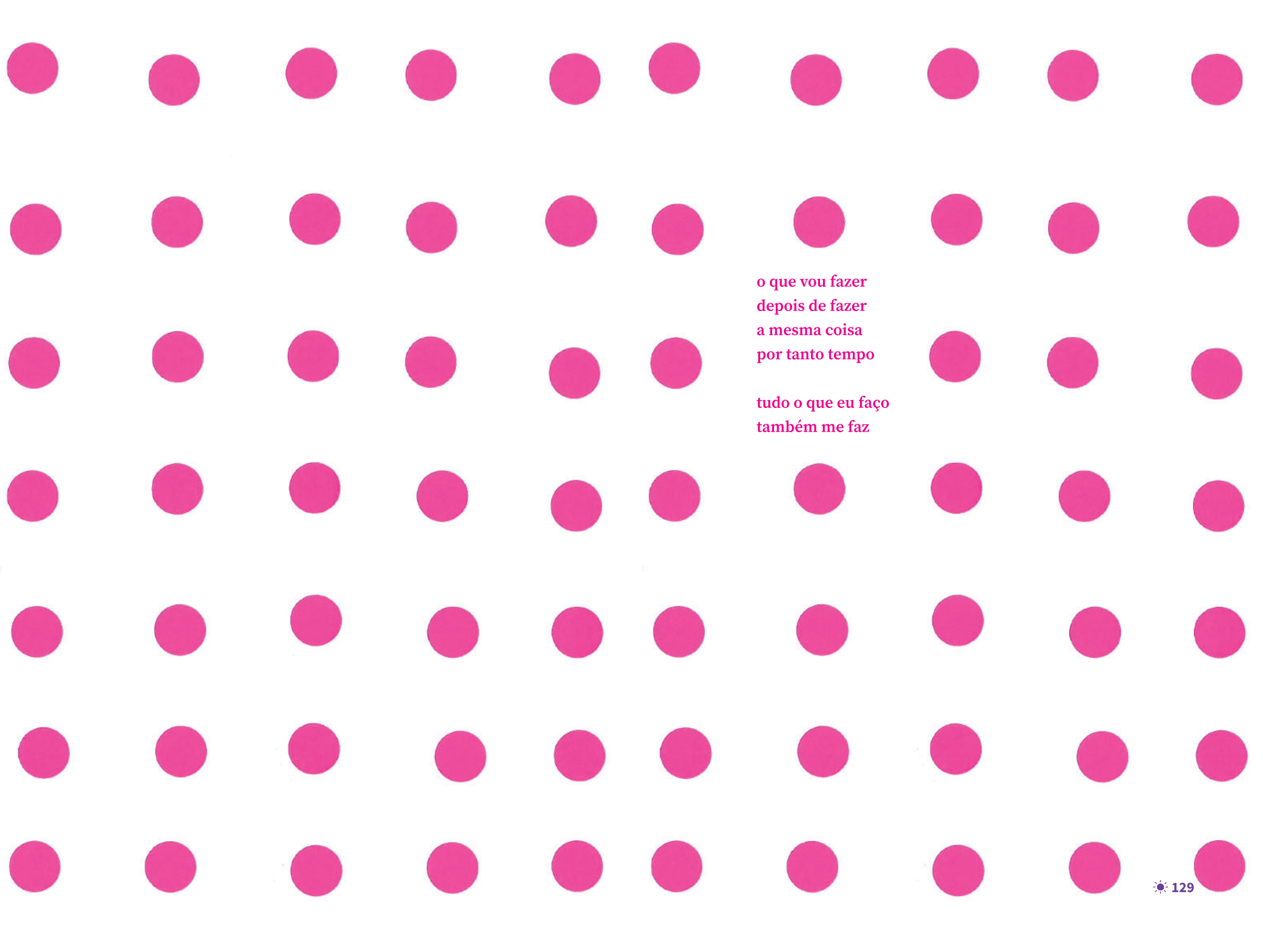
O que acontece se o sinal da escola não toca?

Sua escola tem quantos relógios? Você sabe onde estão?

O ponteiro do relógio não cansa?

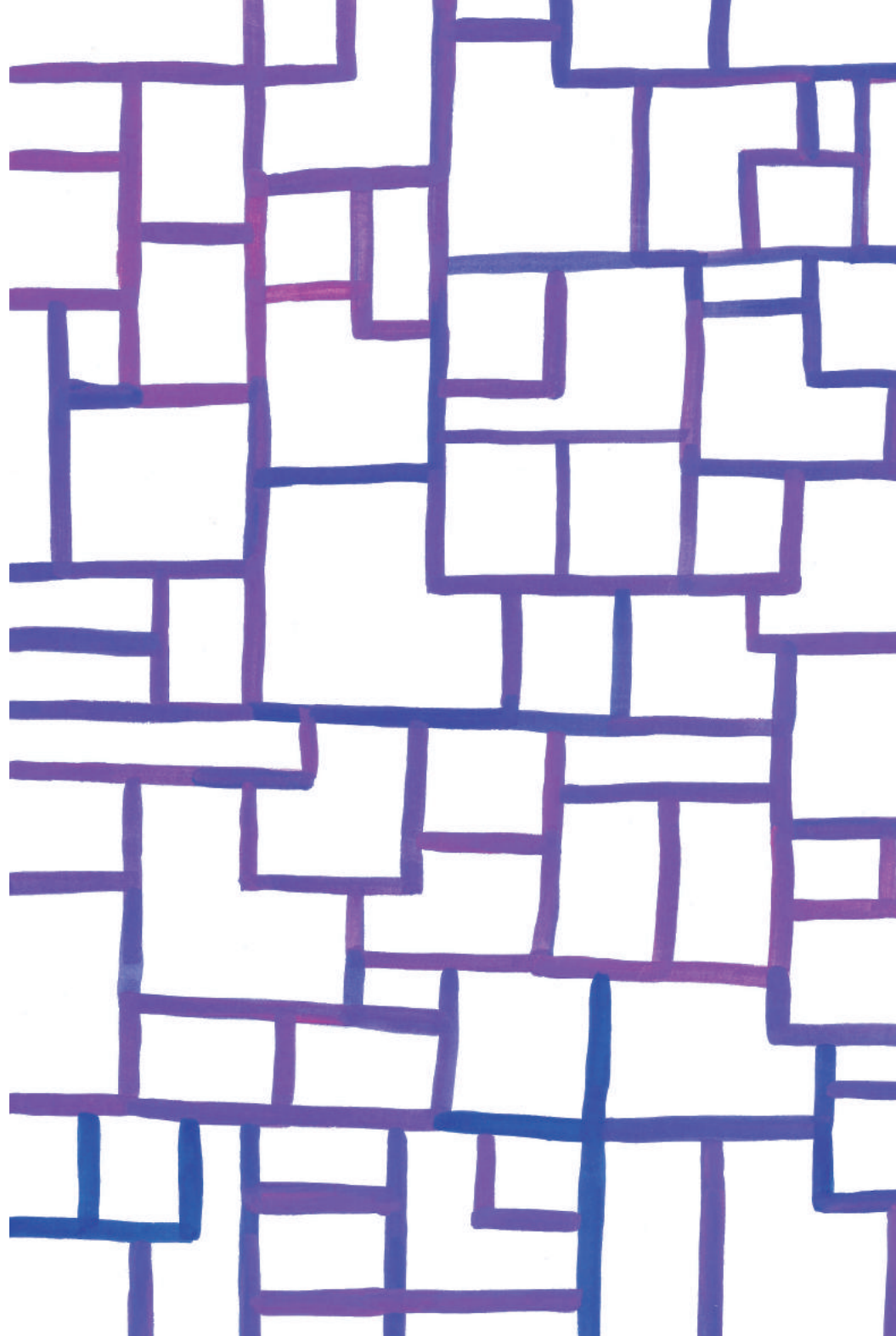
Qual é o seu horário preferido?

Quanto tempo você se permitiu ficar em cada pergunta acima?



o que vou fazer
depois de fazer
a mesma coisa
por tanto tempo

tudo o que eu faço
também me faz



CAPÍTULO 5

ESPAÇO

O MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO REPETE:

o espaço é aberto

o espaço é aberto

o espaço é aberto

para se envolver

é preciso estar desperto

Estávamos na Praça Roosevelt conversando sobre os rumos da primeira Virada Educação quando avistamos um grupo de senhoras que falavam sobre uma prática de exercícios orientais chamada tai chi pai lin. Aproximando-nos delas, descobrimos que as aulas de tai chi acontecem semanalmente na praça. Contamos sobre nossas ações e uma das mulheres disse que, se um dia quiséssemos conversar mais com ela, poderíamos tomar um café na sua casa. Minutos depois de nos despedirmos, resolvemos explorar as possibilidades do presente e visitar aquela senhora, dona Ray, na sua casa, que fica bem pertinho da praça.

Bem recebidos, sentamos em seu sofá, vimos a praça da janela e conversamos sobre a construção de conexões genuínas com as pessoas. Se queremos uma educação de qualidade espalhada pela cidade, é fundamental mudarmos nossa relação com as pessoas que encontramos diariamente.

Há pessoas que são casulos que nunca se abriram, não é mesmo? E não dá para romper casulos à força, só quem está no casulo pode abri-lo. *“Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata. Quem tenta ajudar um broto a sair da semente o destrói. Há certas coisas que não podem ser ajudadas. Têm que acontecer de dentro para fora”*, disse o educador Rubem Alves.

Em um ato seguinte, organizamos uma experiência de educação pela cidade, na qual um grupo de doze participantes exercitava uma conexão maior com o território e as pessoas invisíveis que habitam nossos cotidianos. Perguntamo-nos: e se a experiência iniciar com uma conexão imprevisível desse grupo, reforçando o potencial dos encontros? Mandamos uma mensagem para a Ray, perguntando se poderíamos oferecer um café de manhã de presente para ela e ainda convidar um grupo de pessoas para partilhar esse momento. Contamos sobre a experiência e a importância de contar com as portas da casa dela abertas. Conversamos por telefone e, em plena manhã de sábado, as portas do pequeno e aconchegante apartamento estavam abertas para as doze pessoas. A conexão com dona Ray é uma janela aberta neste tempo de portas fechadas e cheias de grades, câmeras, seguranças.

No mesmo espaço onde se pode pousar a escassez, dá para revigorar um sentimento de abundância das possibilidades.



Onde
começa o
lugar de
aprender?



Você é filho do nevoeiro

Você passa todos os dias perto de uma árvore. Por algum motivo, a árvore chamou sua atenção. Observá-la se torna um ritual repetido todos os dias antes do trabalho.

Num dia, você sai de casa atrasado, olha para a árvore e a encontra de um jeito diferente. Ela está falando com você.

- Você nunca viu a cidade aqui de cima!

Parece muito estranho que a árvore venha conversar logo no dia em que você está mais atrasado.

- Venha ver a cidade aqui de cima!

A árvore quer te atrasar mais – é o primeiro pensamento que vem à sua mente. Mas não, não é possível, como não ouvir uma árvore? Você nunca imaginou subir na árvore para ver a cidade. Pensar em subir na árvore é mais difícil do que subir na árvore?

Você se pendura num galho da copa da árvore, com muito custo. Todos embaixo lhe lançam um olhar enigmático. Consegue ficar em pé dentro da trama de galhos que o abraçam.


Nunca imaginou ver a cidade como viu de cima da árvore. Você não estava vendo a mesma cidade. Tudo é tão diferente de outra perspectiva. A cidade que a árvore via era bem distinta da sua cidade.

- Obrigado por me chamar para ver tudo isso.

- Sabe o que eu realmente queria mostrar para você?

- A cidade que eu não conhecia?

- Não, queria mostrar o tamanho da sua ignorância.



Da minha infância o que me lembro
Um espaço chamado de terreno
Ficava nas beiradas da escola
Todo peraltices de pequeno

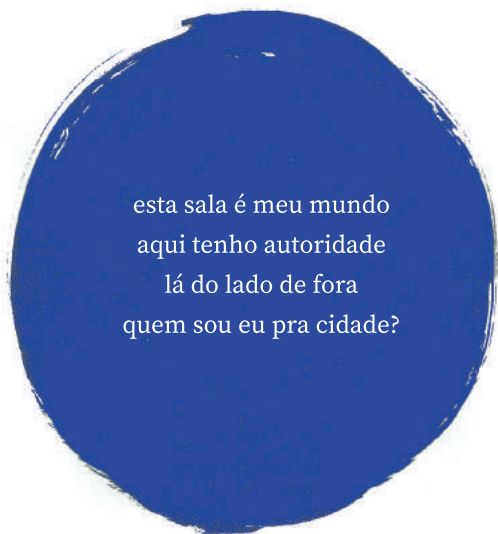
{ quem presta atenção no que fica nas beiradas da escola?
há árvores na beirada da sua escola? }

O QUE ME LEMBRO

Visite a escola em que você estudou nos primeiros anos da sua experiência escolar. Observe o espaço com os olhos da memória.

Deixe as recordações virem encontrar você, principalmente aquelas que moram nos cantinhos dos armários do tempo.





esta sala é meu mundo
aqui tenho autoridade
lá do lado de fora
quem sou eu pra cidade?

{ quem é a cidade pra mim? }

Na cidade anônima

Você dá aulas numa cidade do interior. Decide levar seus filhos para uma aula na praça. Muitos não a conhecem, nunca a visitaram, ainda que morem bem perto. Há um homem na praça, um morador de rua. As crianças se aproximam para conversar e descobrem que o morador de rua é tio de uma delas – um laço desconhecido, cortado, largado na cidade anônima.

{ inspirado numa história da educadora **Beatriz Goulart** }

O que somos
capazes de construir
no espaço
entre você e eu?

entre eu e você
entra o quê?

(ENTRE)
TODOS OS
(LUG)ARES

ENTRE
(LAÇAR)
(O OLH)AR

Como desenhar uma cidade onde se aprende em todo lugar?

PERGUNTAS QUE PODEM AJUDAR A DESENHAR ESSA CIDADE:

Quantos parques existem na cidade onde se aprende em todo lugar?

Quantas praças existem na cidade onde se aprende em todo lugar?

Quantos museus existem na cidade onde se aprende em todo lugar?

Há alguma ciclovia na cidade onde se aprende em todo lugar?

Há árvores na cidade onde se aprende em todo lugar?

Há saraus na cidade onde se aprende em todo lugar?

Há escolas na cidade onde se aprende em todo lugar?

um convite feito com carinho
pode comover a humanidade
pode redesenhar uma cidade

um convite é uma invenção delicada
pode ser feito dentro de uma rua
ou com bexigas cheias de fôlego

no convite, pode-se contar um segredo do futuro
um acontecimento e um lugar pra visitar
um alumbramento e um endereço que quer companhia

Piriris e obás

– Piriri, piriri, obá! Oi quem vem lá, obá!

A cantoria se espalhava pelos ouvidos de concreto.

– Piriri, piriri, obá!

Nas janelas dos carros, curiosos esticavam seus pescoços. O atendente da loja de sapatos saiu para a porta com a testa franzida em sinal de interrogação. Uma mulher chamou a atenção da amiga para, juntas, varrerem a cena com suas pestanas.

– Por onde passa, obá! Estremece a terra, obá!

Ainda que discreta, a caminhada chamou atenção, convidou o olhar para se sentar na rua.

Não havia megafones, nem faixas, nem cartazes. Não se tratava de uma manifestação comum. Não eram os “fraldas pintadas”, não era a esquerda, não era a direita. Quem compunha a caminhada? Vinte e uma crianças de 5 e 6 anos e três educadores. Como reivindicação, pediam a cidade inteira. Pediam parques, praças e ruas. Pediam uma cidade disposta a receber crianças com cuidado e carinho. Pediam que ninguém se esquecesse de brincar. Pediam respiros. Pediam que os adultos voltassem a ver o mundo ao redor.

As crianças não gritavam frases políticas, nem carregavam cartazes indicando tais demandas. Seu ato demandava o sonho enquanto o realizava. Tratava-se de uma ocupação criativa da cidade. A andança saiu de uma escola com destino final: uma biblioteca.

No trajeto, você anda de mãos dadas com cinco crianças. A caminhaça dura apenas algumas quadras, ritmada pela cantoria do “piriri, obá!”. Nesses poucos metros, você sente a realidade se deslocar.

As pessoas ao redor haviam, de repente, quebrado suas resistências secas.

– Por que as crianças estão nas ruas?

– Tem que ter um porquê? As ruas existem para ser ocupadas.

{ andança realizada junto com a **EMEI Gabriel Prestes** }

Receita de um cortejo

Vá à feira, ao mercado,
à biblioteca e à casa ao lado.
Encontre nestes lugares o ingrediente,
Pra fazer um caminho com um olhar no que há lá fora
E outro no que vem da gente.

Reserve este estado.

Encontre por ali algumas escolas e teça relações com cuidado. Fale com carinho e aguarde o tempo necessário. O tempo é urgente, mas a escuta é ainda mais.

Procure trabalhar com a coordenação, os professores e até com alguns alunos.

Misture todos com muito carinho.

Convoque daí então voluntários e uma banda que possa adicionar à receita um calor.

Misture todos num começo de manhã - ou de tarde.

A banda vai adiante e as crianças são acompanhadas por adultos. Até três crianças por adulto é uma boa medida. Utilize as calçadas e vá formando o caminho.

Veja como isto evolui por uma hora e meia. Vá levando consigo um pouco de água para refrescar. O retorno é importante. Um agradecimento a todos, uma conversa com as crianças sobre como se sentiram. Saboreie.

O espaço ainda é duro, apertado
Mas experimente colocar um cortejo num dia qualquer
Parece que alguém pegou a cidade e mexeu com uma colher

andança no território
a dança no território
criança no território
mudança no território

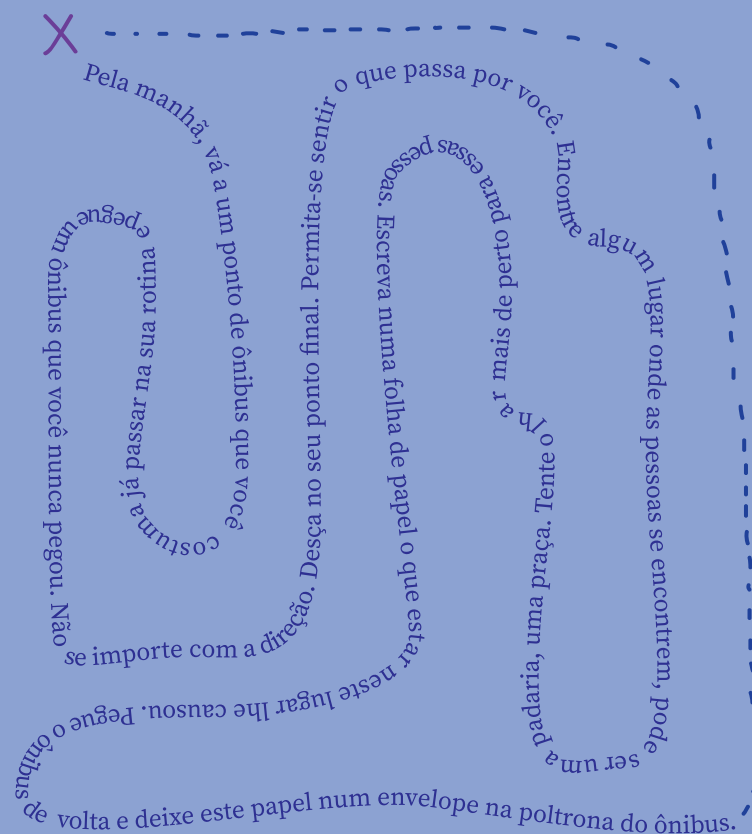
O escritor alemão Walter Benjamin ressalta que a cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto.

Corpo sedentário se perde em qualquer labirinto. Corpo atento também se perde, mas se perde de um jeito diferente. Quando você se perde sedentário, o caminho é preguiça e vazio. Quando você se perde com atenção, a peregrinação é aventura.

DESVIOS NO LABIRINTO

Reúna um grupo com a proposta de criar uma ação coletiva fora da escola. Sigam para um lugar no entorno e passem um tempo por lá.

Proponha a algumas pessoas segurarem cartazes com os dizeres: “Conto uma história da minha escola” ou “Escuto histórias de infância”. Espere a conexão com as pessoas que passam por vocês.



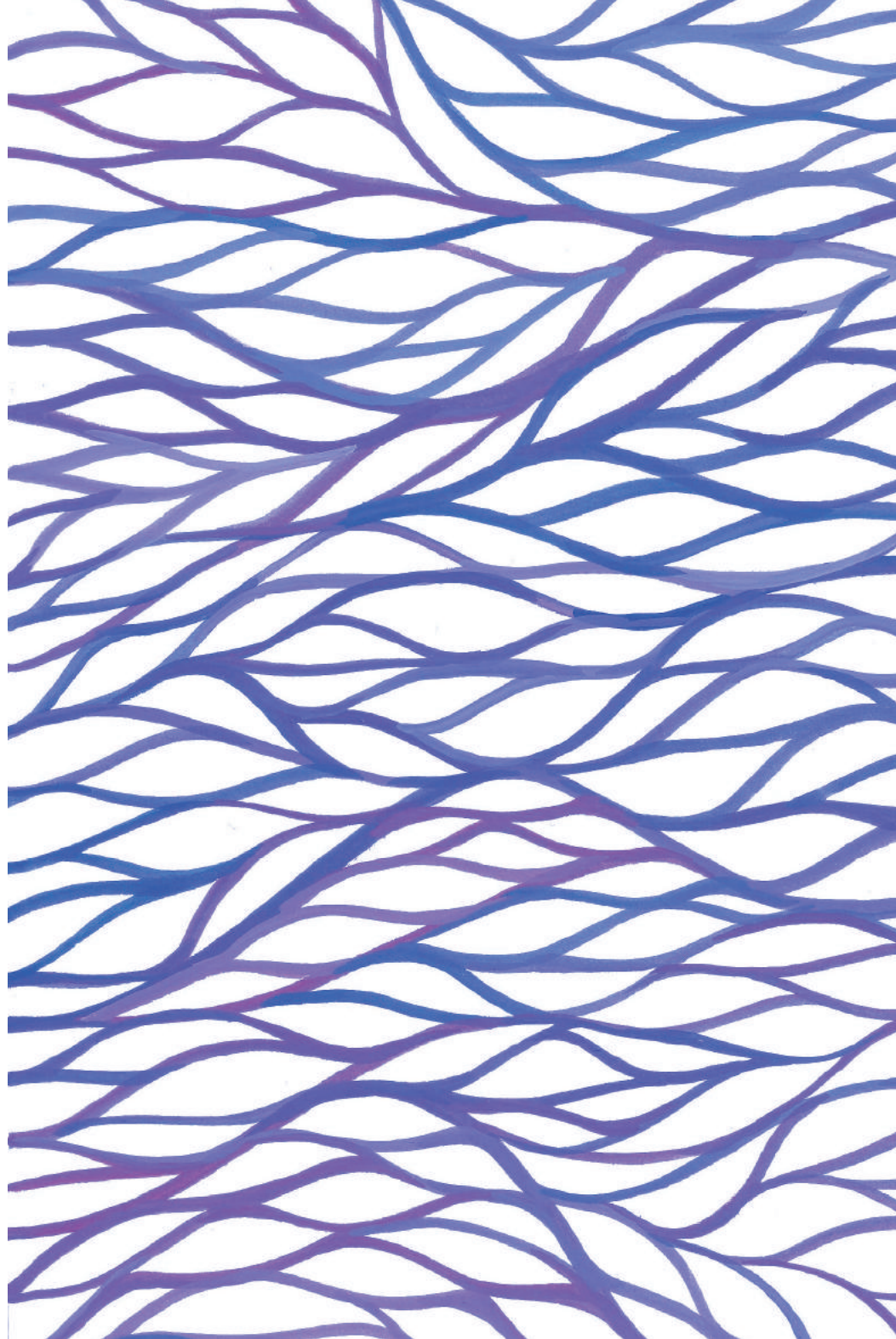
Com o que se preenche
um espaço

a l a (r) g a do
pela intimidade?



Onde
acaba o
lugar de
aprender?





CAPÍTULO 6

CONSISTÊNCIA

O MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INSISTE:

faça o que eu digo
e o que eu digo é o que eu faço
é o único jeito
de sairmos do estado de bagaço

“Você é capaz de criar musculatura para sustentar a mudança que você quer?”

Ouvimos essa frase da Lia Diskin, amiga e educadora que realiza projetos na área de cultura de paz. Encontramo-nos bem no início da criação do Movimento Entusiasmo. Ela nos fez pensar se somos capazes de criar raízes que sustentem a árvore que desabrocha no terreno das ações.

Não nos parece uma pergunta de resposta simples ou direta. A cada decisão, é necessário refazer essa pergunta. Pois só com uma musculatura forte nasce uma ação consistente. E consistência não aparece de repente. Depende de uma série de decisões e cuidados ao longo do tempo. Depende de substância concentrada, de atenção presente e repetida. Depende do olhar, da ousadia, da escuta, do tempo, do espaço...



– O senhor poderia pedir para o meu filho ler poesia? Ele nunca lê nenhuma página sequer, acha ruim quando peço para ele pegar um livro com um versinho que seja. Meu filho te admira tanto! Se o senhor disser “leia poesia”, com seu jeitinho, tenho certeza que meu filho vai acatar a sugestão.

– Pode voltar com seu filho daqui a um mês?

– Mas por que um mês, professor? O senhor não pode falar isso agora?

– Não, não posso.

– Por que não?

– Venha daqui a um mês, por favor.

– Leia poesia, meu querido, tenho certeza que você vai gostar. Te trouxe um livro bem bonito de presente.

Dizia o educador ao garoto, que abriu com animação o livro recheado de versos.

Quando o filho se afastou um pouco, a mãe se aproximou do educador e perguntou:

– Por que o senhor pediu um mês para dizer uma frase que podia ter dito antes, no dia que vim aqui?

– Porque antes eu não lia poesia. Nesse mês que eu pedi para vocês esperarem, voltei a ler Drummond e Manoel de Barros. Não me sentiria bem em dar um conselho que não levo a sério.

{ inspirado em uma história sobre o pacifista indiano **Mahatma Gandhi**, que circula na internet e fala sobre uma mãe que gostaria que seu filho deixasse de comer açúcar }

Edgar Morin falou que há prosa e poesia na vida.

Que a prosa é o que fazemos por obrigação.

Que a poesia é aquilo que nos exalta, é a comunhão recusada a tantos milhões de pessoas.

Que o imperativo atual é conectar as pessoas e espaços.

Que se não desenvolvermos o “nós”, o “eu” vai ficar ressecado.

Que não só o indivíduo está na sociedade, mas a sociedade está também no indivíduo.

Que não há paixão sem razão, nem razão sem emoção.

Que todo conhecimento é uma tradução que se segue a uma construção.

Que as palavras são traduções e reconstruções.

Que devemos cultivar um conhecimento que seja capaz de ver múltiplos aspectos da realidade.

Que as realidades são ambíguas.

Que o conhecimento é multidimensional.

Que enganar-se pode levar a desastres.

Que é urgente desenvolvermos uma vigilância cuidadosa para diminuir nossos enganamentos constantes.

Que as pessoas têm uma incompreensão profunda sobre quem é o outro.

Que compreender nossas próprias fraquezas e defeitos ajuda a compreender o outro.

Que há um ponto fundamental: o outro é ao mesmo tempo semelhante e diferente de nós.

Que precisamos reconhecer a diversidade como o tesouro da humanidade.

Que sempre houve incertezas na vida.

Que a escola não nos ensina a enfrentar as incertezas.

Que hoje vivemos numa época com incertezas mais acentuadas.

Que navegamos num oceano de incertezas com arquipélagos de certezas.

Que o improvável é mais provável do que o provável.

Que não sabemos quando vamos morrer.

Que a certeza de um futuro melhor não é garantida.

Que toda decisão é uma aposta.

Que devemos ensinar como abraçar a vida pelo amor.

Que vivemos a crise da humanidade que não consegue ser humanidade.



Que é urgente educar de um jeito que as pessoas percebam sua capacidade de escolher.

Que há uma intoxicação consumista.

Que antes criavam produtos para consumidores e hoje criam consumidores para produtos.

Que a educação deveria se ligar ao pensamento complexo.

Que os seres humanos têm algo em comum.

Que vivemos numa comunidade de destino planetário.

Que devemos sentir que cada um de nós faz parte de uma aventura incrível – a aventura humana — que começou há milhões de anos quando um primata se tornou bípede e desenvolveu o uso das mãos.

Que há células no nosso corpo que nasceram há quatro bilhões de anos.

Que continuamos a história do universo, já que somos feitos de moléculas, que são feitas de átomos, que são feitos de partículas que começaram há quinze bilhões de anos.

Que depois que aprendemos o equilíbrio sobre os pés, surgiu a linguagem.

Que a história humana é extraordinária.

Que a história humana nos conduz a um destino desconhecido.

Que a aventura do universo, da vida e da humanidade é desconhecida.

Que professores não conhecem o mundo adolescente.

Que para ensinar é preciso ter amor e comunicá-lo com entusiasmo.

Que os professores estão fechados em suas disciplinas.

Que é preciso uma nova formação de educadores.

Que estamos na pré-história da reforma de nossos tempos, à procura de um novo caminho.

Que não podemos supor que exista uma única solução.

Que podemos falar sobre consistência sem usar a palavra consistência.

[A palestra do sociólogo **Edgar Morin** aconteceu no Rio de Janeiro, num evento chamado Educação 360, em 2014, no qual pudemos relatar a experiência da Virada Educação]

O QUE VOCÊ
PREFERIRIA
FAZER EM VEZ
DAQUILO
QUE HOJE
VOCÊ FAZ?

o que passou pela cabeça do educador ao decidir fazer uma aula na rua

fernanda carlinhos amanda
eu penso no nome de cada um
eu penso no labirinto chamado cidade
eu penso na chance de outra realidade

manoel josefa marcelo
eu penso na roda em que todos conseguem se ver
eu penso na rua que me ensina a ruar
eu penso na escola que insiste em calar

osvaldo tião elidia
e agora tantas pessoas passam por mim
e agora a maioria olha e não vê
e agora eu penso que olhar e não ver
é doença
desjuvenescer

renato éder lia
há beleza em cada encontro
e eu penso nas janelas dos rostos
e eu penso em me aproximar da intimidade que um dia se perdeu
pelos tecidos esgarçados do pensamento
pelos poços cavados nos poros
pelas peneiras que se instalaram nos olhos

eu penso mariana ana joaquim
eu penso em todo lugar
toda rua é a mensageira de outrolhar

{ inspirado em palavras da poeta **Angélica Freitas** }

o que você
preferiria
NÃO
fazer?

* e se você repetir esta pergunta
até a resposta consistir numa ação?

[inspirado no livro "Bartleby, o escrivão", de **Herman Melville**]

“

Às perguntas mais importantes sempre terminamos respondendo com nossa vida. O que dizemos nesse meio tempo não tem importância, nem os termos e argumentos com que nos defendemos. No final de tudo, é com os fatos de nossa vida que respondemos às indagações que o mundo nos faz com tanta insistência.

”

Sándor Márai, no livro *As Brasas*

Analfabetismo relacional & a consistência do que se perdeu

Você está diante de uma pessoa. Você consegue lê-la?

Conheço um educador que mudou sua vida radicalmente depois de um fato duro da vida: o suicídio de um de seus alunos. O aluno cometeu suicídio sem motivo aparente. O educador não conseguiu ler no aluno nada que justificasse sua ação.

Daí para frente o educador prometeu para si mesmo nunca mais deixar de ler seus alunos – ou seja, de aprender com eles.

ÍNTIMO&DIRETO



* faça isso uma vez por dia até o fim de sua vida.

ÍNTIMO & INTRANQUILO

a) Um cão pisou numa formiga sem querer. Mesmo convivendo com formigas frequentemente, nunca aprendeu com elas a atenção aos detalhes. A formiga não morreu. Então o cão pisou na formiga por querer, pois já tinha contado para as pessoas ao redor que havia matado a formiga e não queria se desmentir.

b) Dona Maria disse para todo mundo que está com reumatismo. Mas foi ao médico e descobriu que não está com reumatismo. Ela respondeu ao médico: não é possível que eu não esteja com reumatismo, não é possível, já contei a todos sobre isso, não posso desmentir a mim mesma. Dona Maria voltou para casa contando que estava com reumatismo, não queria se desmentir.

c) João disse a todos que não seria capaz de mudar, nunca. Numa madrugada, acordando de sonhos intranquilos, sentiu que era sim sim sim capaz de mudar. João é capaz de desmentir a si mesmo?

Haja consistência para mudar a direção com paciência

Para frente

Você está preso por correntes, não consegue olhar para outra direção que não seja para frente.

Para frente.

Para frente.

Para frente.

Para frente.

Você criou o hábito de suspirar fortemente, desgostoso.

O dia a dia na caverna é sem novidades. Você acorda olhando para frente, passa o dia olhando para frente, você anoitece olhando para frente, então você adormece olhando para a frente. Nos dias incomuns, você acorda olhando para frente, passa o dia olhando para frente, então não adormece olhando para frente, pois não consegue dormir pensando no porquê de viver no deserto.

Você está num deserto que uns chamam de caverna e outros de cidade. Suas correntes não deixam que procure água na areia.

As correntes são fortes, feitas de um material que se pregou no seu rosto como cola. Arrancar as correntes soa tão doloroso quanto arrancar um braço ou uma perna. O que você faz?

a) Você acorda. Acende a luz do seu quarto e vai direto para o trabalho. Passa o dia inteiro olhando para frente.

Para frente.

b) Você fecha o livro “A República”, de Platão, escrito no século 4 A.C.; enfim terminou de lê-lo. No final do mito da caverna, que você encontra no livro VI, Sócrates defende a educação como a arte de mudar a direção da visão.

c) _____

CAIXA DOS MISTÉRIOS

{para mudar a direção dos sentidos}

Pegue uma caixa de papelão e, em seus lados, faça recortes do tamanho das mãos de uma criança. Coloque um tecido para tampar estes buracos, mas que permita passar a mão pelos buracos. Procure pela escola alguns elementos de consistências diferentes.

Folhas, galhos, gelo, areia, massinha de modelar, frutas.

Esconda os materiais coletados dentro das caixas.

A proposta é convidar as crianças para experimentarem os sentidos e as consistências das coisas. Peça que cada um ponha a mão pelo buraco até alcançar o que está escondido. Cada um tem uns dois minutinhos para tocar cada um dos objetos.

Faça um circuito com várias caixas. Depois disso, peça às crianças que desenhem o que acham que tinha dentro das caixas. Converse com elas sobre consistência. Textura. Tato.



[inspirações de uma caixa sensorial da **Claudia Mattos**]

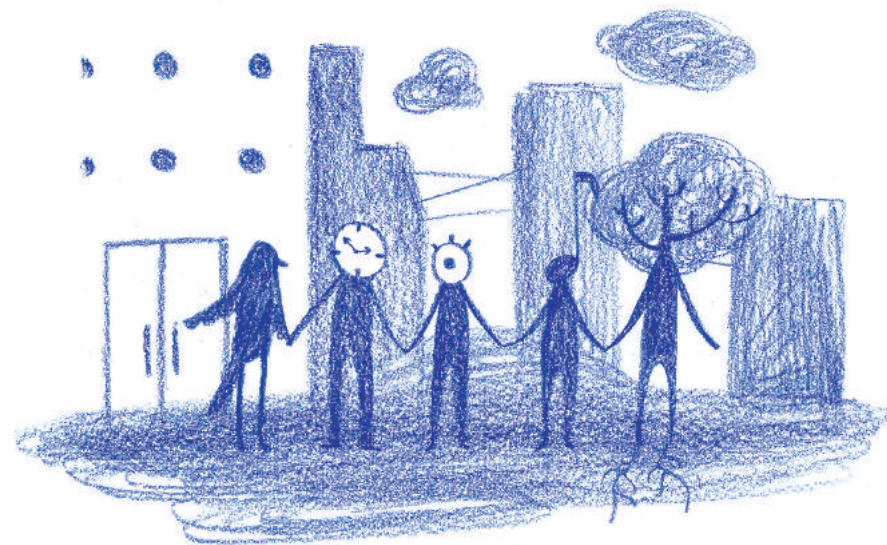
Consisto:

- na primeira coisa que procuro ao acordar
- no jeito como escovo os dentes
- na música que canto no banho
- na ausência
- em como peço licença
- em como me comporto na espera
- na espera
- na espera
- em como ando na rua
- na primeira palavra que digo a uma pessoa
- no balanço dos meus pés
- nas caixinhas das minhas telas
- nas minhas fotos de capa
- em como atendo o telefone
- na ligação que faço a alguém
- no que reparo
- em como convido um amigo a brincar
- na contemplação da poesia
- em qual manchete me interessa
- em como cumprimento uma borboleta
- em como cumprimento um vizinho
- no valor que dou para a água
- em como perco tempo
- na comida que eu como
- nas frases que eu falo
- no pensamento que tenho
- no sonho que me permito
- no tempo da minha respiração
- em como observo (a mim)
- em como observo (o outro)
- em como me comporto na espera
- na espera
- na espera
- no que prefiro não fazer
- na última coisa que meus olhos buscam antes de dormir
- na primeira coisa que meus olhos buscam numa pessoa
- no conforto da minha cama
- nos meus sonhos

para ganhar consistência
não adianta adorno
aparência

consistência é parente
do olho que olha
do espaço que dança
da ousadia corrente
do ouvido que ouve
do tempo nascente

consistência
consiste
em vontade séria
de entender gente



O **MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO** sugere que você investigue:

ALVES, Rubem. *Sobre o tempo e a eternidade*. Campinas: Papyrus, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. Leya: São Paulo, 2010.

BRENNAN, Ilan. *O alvo*. São Paulo: Ática, 2011.

CALVINO, Italo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____, Italo. *Um general na biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARRASCOZA, João Anzanello. *Caderno de um ausente*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ESOPO. *Fábulas completas*. Trad. Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FAULKNER, William. *O Som e a Fúria*. Tradução de: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cosac; Naify, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

LELOUP, Jean-Yves. *Enraizamento e Abertura*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEMINSKI, Paulo. *Vida: Cruz e Souza, Bashô, Jesus, Trótski*. Porto Alegre: Sulina, 1990.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MÁRAI, Sándor. *As brasas*. Tradução de Rosa Freire D'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MOSÉ, Viviane. *O homem que sabe*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PLATÃO. *A República*. Martins Fontes, São Paulo, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. São Paulo, Liv. Martins, 1975.

Texto *Nature*, do poeta Ralph Waldo Emerson:

<http://www.emersoncentral.com/nature1.htm>

Texto *Vista cansada*, de Otto Lara Rezende, publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, edição de 23 de fevereiro de 1992 e disponível aqui:

http://www.releituras.com/olresende_vista.asp

depois

Logo que acabam nossas reuniões e encontros, costumamos perguntar um ao outro: “como você se sente depois desta conversa?”. Nada mais pertinente do que perguntar isso a você, depois de lançarmos tantos mistérios, clareiras e histórias na sua frente.

Como você se sente depois desta conversa?

Como não há sentido nenhum em especularmos como você se sente depois desta conversa, quando nos demos o direito de falar tanto – muito mais nas entrelinhas do que nas linhas, aliás –, resta-nos dizer como nos sentimos depois desta conversa.

O Movimento Entusiasmo nasceu no início de 2014 com a intenção de atuar perto de algumas escolas e desenvolver um projeto no entorno desses espaços. Afirmamos a poesia como um jeito de aproximação das pessoas. Dialogamos com os educadores e, ao mesmo tempo, resgatamos inúmeros poetas queridos. Nasceram urgências apressadas, acelerando nossos passos. Nasceu calma também, deixando claro que horizonte, como diz Manoel de Barros, não se abre com faca – não se cria boniteza com violência.

Sáímos dessa primeira conversa mais tristes e mais alegres do que entramos. Sentindo que ao falarmos sobre mudar a educação não podemos ser rasteiros na nossa atitude, pois mudar a educação em profundidade tem a ver com mudar nosso estilo de vida, nosso jeito de nos relacionarmos. Deixarmos desabrochar um novo jeito de olhar e escutar. Uma outra maneira de viver o tempo e o espaço. De ousarmos. De cultivarmos consistência. Não falamos sobre esses assuntos como se soubéssemos desvendar esses mistérios. Como você, estamos miudamente sentindo que ações respondem com ternura a esses mistérios desafiadores que tantas vezes se apresentam com violência.

Que abramos os caminhos.

Que não nos engasguemos com nosso umbigo.

Que leiamos as entrelinhas do mundo, mais do que as linhas.



agradecimento

Agradecemos a todos & todas que estiveram conosco nestes momentos.

Agradecemos o patrocínio da Fundação SM e do Instituto Natura para a realização deste livro.

Agradecemos aqueles que leram essas palavras em primeira mão e teceram comentários importantes para lapidá-las: Cla Neder, Elidia Novaes, Luis Ludmer, Natacha Costa, Natália Menhem, Patrícia Gomes, Serena Labate, Silvinha Meirelles, Yara Nico.

Agradecemos a carta de abertura carinhosa do Severino Antônio.

Em especial, agradecimento às pessoas que estão presentes nas nossas vidas, nutrindo nossa poesia:

Amigos e amigas da E.E. Caetano de Campos, E.E. Professora Marina Cintra, EMEI Gabriel Prestes, Satyros e SP Escola de Teatro. Adriana Santos, Alice Vasconcellos, Anderson Lima, Anielle Guedes, Anna Penido, Antonio Lovato Junior, Aracélia Maria Sagrado Lovato, Beatriz Ferraz, Beatriz Goulart, Bruno Bissoli, Carla Domingos, Carolina Feng, Carolina Ferreira, Carolina Pasquali, Cla Neder, Claudio Hipolito, Cleo de Paris, Camila Batista, Camila Haddad, Carolina Briso, Carolina Feng, Clau Correa, Daniela Machado, Danilo Mantovani, Denise Curi, Denise Relvas, Elen Londero, Elidia Novaes, Elie Chamoun, Felipe Amaral, Felipe de Souza, Fernanda Pinho, Fernando Rybka, Gilberto Dimenstein, Glauco Nepomuceno, Guimarães Rosa, Helena Singer, Heloísa Sobral, Inês Maria, Ivam Cabral, Josefa e José, José Araujo, Juliano Augusto, Júlio de Ló, Lia Diskin, Luis Ludmer, Mahatma Gandhi, Manoel de Barros, Marcelo Sando, Márcia Pelissari, Maria Vilani, Marisa Abuin, Mariana Vieira Franco, Mariana Vilella, Marina Estima, Marina Risi, May Midori, MC Guimé, Monica Galib, Muriel Scott, Naime Silva, Natacha Costa, Natália Menhem, Nayana Brettas, Odair Tognon, Odete Hipolito, Patrícia Gomes, Pilar Lacerda, Ray Monteiro, Rafael Parente, Sergio Marin, Rita Barros, Rita Barossi, Serena Labate, Silvinha Meirelles, Suzana Ferreira, Sueli Uesugui, Thaís Martins, Wagner Marcelo, Yara Nico.

Agradecemos a todos que não citamos aqui por falta de espaço, mas que também nos provocam, inspiram e colaboram no cultivo dos nossos sonhos. Se nos esquecermos de mencionar uma pessoa ou referência que altera o entendimento de algum dos escritos, basta nos avisar: movimentoentusiasmo@gmail.com

E as pessoas que contribuíram numa campanha de financiamento coletivo que realizamos em 2014 no Catarse:

Instituto Asas colaborou com 20% do valor da nossa campanha

Adriana Rossatti, Adriano Valadão, Aglaia Ruffino Jalles, Alex Bretas Vasconcelos, Alexandra de Paula Yusiasu dos Santos, Amanda Ragra, Amanda Rieseberg Ferreira, Ana Paula Gaspar, Andre de Freitas Timoteo, André de Holanda Padilha Vieira, Andre Previato, Andrea Buoro, Angelo Bartolomeu Carvalho Mundy, Anita Prado Ferrarro, Anna Penido, Antônio Lovato Júnior, Aparecida Lacerda, Arlene Saboia, Augusto Galery, Beatriz Cardoso, Beatriz Lomonaco, Brasil Profissões e Comunicação Ltda, Bruna Fabiao Viapiana, Bruno Barros, Bruno Galasse, Bruno Matinata, Bruno Shudy Ono, Caio Dib, Camila Achutti, Camila Batista, Camila Jorge Haddad, Camila Piza, Carla Albertuni, Carla Domingos, Carla Link, Carlos Eduardo Camolesi, Carlos Francisco Marcondes Junior, Carolina Afonso, Carolina Evangelista, Carolina Fernandes Nalon, Carolina Imura, Carolina Pasquali, Caroline Florencio da Silva, Clarissa Pereira, Claudia Guazzelli Charoux, Clauu Correa, Daniel Ferratoni, Danilo Mantovani, Danilo Prates, Dayane Rosa Demori, Debora Emm Pinto, Debora Freire, Deborah Rebello, Denise Curi, Diogo Guarani Kaiowá, Du Migliano, Edson Cesar Marques Filho, Eduardo Shimahara, Elaine Melo, Eléia Abreu, Elena Crescia, Elenice Tiemi Tamashiro, Elza Maria Tamas, Enrique Fragata Lopes, Eric Ramos Pasquati, Estevan Muniz, Fabiano Nobre, Fabio Glauser, Fátima Santiago, Felipe Menhem, Fernanda Caloi, Fernanda Furuno, Fernanda Heinz Figueiredo, Fernanda Ugino, Fernando Marinho, Flavia Ramos, Gabriel de Souza Magenta, Gabriel Sayuri Yamaguchi, Gabriela Sofia Antonio, Gaia Sanvicente Traverso, Glauco Nepomuceno, Guilherme Mata, Gustavo Carneiro Simon, GVive - Associação de Ex-Alunos e

Amigos dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo, Heloisa Vieira Rodrigues, Imagina Coletivo, Ione Otaki, Iracema Guisoni, Isabela Bacelar de Paula Souza, Isabela Lemos, Isabela Motta Noronha, Ivan Patelli Juliani Boscariol, Izabel Brunsizian, Jaana Pinheiro da Silveira, Jessica Nunes Tavares, José Valério, Júlia Kastrup Bezerra, Julia Melaragno Assumpção, Júlia Tonetto de Almeida, Juliana Souza Nunes, Juliane Marinho, Julio César de Camargo, Júlio César Nogueira Rodrigues, Julio Heller Prates, Kaian Nóbrega Maryssael Ciasca, Kátia Dias Del Giorno, Leny Ramos Pasquati, Ligia Kawata, Lilian Bohme Pellacani, Lucas Fernandes Hoogerbrugge, Luciana de Souza Aguiar, Luciano de Freitas Pereira, Luis Fernando Guggenberger, Luis Ludmer, Luiz Castro, Luiz Henrique Mormille, Lyla Luiz, Mariana Nemer, Mariana Pereira, Mariana Ribeiro de Souza, Mariana Roquette Ferrato da Silva, Mariana Vieira Franco, Marieta Colucci Ribeiro, Marilha Balieiro, Marina Teixeira Trindade, Marisa Berenguel Abuin, Marisa Bessa, Mauricio Boff, Mayara Midori Mori, Mayra Luna, Monica Pantoja, Natacha Goncalves da Costa, Natacha Goncalves da Costa, Natalia Menhem, Nayana Fernandez, Nelson Paes Leme Domingues de Araujo, Paola Martinelli Garcia, Patricia Ribeiro, Pé na Escola, Pedro Cobbett Stael Markun, Pedro Henrique Gomes, Pedro Kelson, Pedro Latorre Filizzola, Pedro Reggiani Limeira, Pilar Lacerda, Priscilla Gonçalves de Souza, Rafael de Carvalho Pullen Parente, Raquel Abes, Regiane Mendes, Regina Datti, Renata de Salles Pistelli, Ricardo Yaguti, Rodrigo Bastos, Rodrigo Usberco, Rubia Guimarães Piancastelli, Serena Labate Calcagniti Cardoso, Silvinha Meirelles, Sophia Hesketh Braun, Sueli Nanami Uesugui, Tathyana Gouvêa, Tatiana Tabak, Thais Helena Silva, Thais Pereira Martins, Thiago Meira Raydan, Thiago Parussolo, Thiago Teixeira, Tiago Mattos, Toodo Eco Serviços Artesanais LTDA, Valmil Junior, Valmon Dida, Vinicius Brasileiro de Carvalho, Vivian Hanai, William Kurosawa, Yara Nico, Yvan Pacheco Dourado.

O MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DESEJA:

abramos os caminhos
com carinhos

MOVIMENTO

